

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Setembro de 2012



Alphonsus de Guimaraens
O poeta do amor e da morte

Benito Barreto
Militância e literatura

Viagem nas ondas
curtas do rádio

E MAIS: Nelson Freire, história, contos, poesia

8

SUMÁRIO

CAPA



Café e arte

Nas primeiras décadas do século XX, até a Revolução de 1930, o Brasil foi politicamente dominado por um acordo não escrito que se convencionou chamar de 'política do café com leite', pelo qual as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais se revezavam no governo da República. Nessa coligação, São Paulo era o café e Minas o leite. Com o tempo, e depois de algumas crises, os paulistas trocaram as lavouras cafeeiras pela forte industrialização e Minas assumiu gradativamente a condição de maior produtor de café do País, além de manter a liderança na produção leiteira.



As lavouras de café, especialmente as do Sul de Minas, fizeram a fortuna de muitos, a ruína de alguns poucos, e geraram todo um modo de vida entre os homens e mulheres que gravitavam em torno delas, como as sempre lembradas 'panhadeiras', arregimentadas a cada colheita. As lavouras se expandiram por todo o Estado e hoje ocupam também grande parte do cerrado, além das encostas das montanhas sul mineiras. Os cafezais se modernizaram, as 'panhadeiras' foram substituídas por colheitadeiras mecânicas, mas a cultura do café e a beleza dos cafezais continuam a provocar arte e a produzir belezas como a aquarela de Mário Zavagli que faz nossa capa.

ARTIGO

No mundo das ondas curtas

Matheus Chaves Jardim

4



CONTO

Meditações de um terminal

Renato Jardim

8



ENSAIO

Alphonsus de Guimaraens

A sacrificada vida do poeta simbolista do amor, da morte e do luar – o pobre e solitário juiz municipal de Mariana

Gutemberg da Mota e Silva

12



CONVIDADO ESPECIAL

Benito, um militante

Manoel Marcos Guimarães

22



Minas tem caminhos que a gente nunca sabe onde nascem nem aonde vão eles desaguar

Benito Barreto

24



POESIA

“Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris” ou

O torturador que se diz arrependido

Llewellyn Davies A. Medina

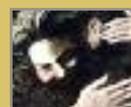
28



Anseio

José João Calanzani

30



O artista da capa



Mário Zavagli é pintor, aquarelista, professor de artes plásticas da Escola de Belas-Artes da UFMG. Nasceu em Guaxupé, no sul de Minas, em 1956. Artista premiado em inúmeros salões brasileiros, possui ateliê em Belo Horizonte. A aquarela da nossa capa retrata um cafezal na Serra da Mantiqueira e integra a coleção "Paisagens Mineiras", de 2001, adquirida pelo Instituto Moreira Salles, que a publicou em livro e mantém os originais em exposição permanente em sua sede, em São Paulo.

POESIA

Mulher de face urbana

Aldina de Carvalho Soares

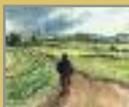
31



Dos Gerais para as Minas

Evandro Cangussu Melo

32



O menino

Glayco Firpe

33



ARTIGO

Do hino nacional

João Quintino Silva

34



CRÔNICA

Jejum do possível

José Fernandes Filho

36



Nelson Freire

O pianista prodígio de Minas

Daniel César Botto Collaço

38



HISTÓRIA

A capitania das montanhas

Prolegômenos da história do Brasil e da capitania de Minas Gerais

Luiz Carlos Biasutti

42



EDITORIAL

Luz ordenadora

Dentre todas as formas de manifestação do pensamento e do fazer humanos, a arte é, sem dúvida, a que mais se interliga com as demais, delas extraindo sua própria seiva. Arte combina com a política, combina com a economia, combina com os esportes, combina e interage, enfim, com toda e qualquer manifestação da nossa atividade.

A reflexão vem a propósito do conteúdo da presente edição de *MagisCultura*, em que viajamos desde a beleza da aquarela da capa, inspirada nos cafezais sul mineiros, até a profundidade da militância política convertida em literatura, com paradas na dorida rotina de um pobre juiz municipal travestido em poeta do amor e nas furtivas audiências de transmissões radiofônicas em tempos de escuridão.

Se a ciência econômica não dá conta de solucionar todas as equações da produção, se a ciência política, da mesma forma, não clareia todas as contradições do sistema, se o fazer judicante nem sempre é capaz de proferir as sentenças adequadas, a arte quase sempre vem em socorro dessas suas irmãs e, como diria o poeta, 'lança sobre elas seu claro raio ordenador'.

Este é o recado possível de mais uma edição da *MagisCultura*, que chega com orgulho e vigor ao oitavo número, levando em suas páginas a todos os cantos e recantos da nossa Minas Gerais e do Brasil uma amostra da riqueza do pensamento e da criatividade dos magistrados mineiros.

Boa leitura!

Bruno Terra Dias
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis - Diretoria Triênio 2010-2012

Presidente: Juiz Bruno Terra Dias

Vice-presidente Administrativo: Desembargador Herbert Carneiro

Vice-presidente Financeiro: Desembargador Luiz Audebert Delage Filho

Vice-presidente de Saúde: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente do Interior: Juiz Antônio Carlos Parreira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Maurício Torres Soares

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargador Tibagy Salles Oliveira

Diretora-secretária: Juíza Maria Luíza Santana Assunção

Subdiretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Diretora de Comunicação: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Diretora do Centro de Estudos da Magistratura: Desembargadora Jane Ribeiro Silva

Vice-diretor do Centro de Estudos da Magistratura: Juiz Luiz Guilherme Marques

Diretores Culturais: Desembargador Guilherme Luciano Baeta Nunes,

Desembargadora Mariângela Meyer Pires Faleiro e Juiz Mauro Simonassi

Conselho Deliberativo: Juiz José Aluísio Neves da Silva (presidente) e Juiz Michel Curi e Silva (secretário)

Assessores Especiais da Presidência: Desembargador Nelson Missias de Moraes, Juiz Lailson Braga Baeta Neves, Desembargador Doorgal Gustavo Borges de Andrada, Desembargador Tiago Pinto, Desembargador Reynaldo Ximenes Carneiro, Desembargador Márcio Aristeu Monteiro de Barros e Ministro Paulo Geraldo de Oliveira Medina

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

• **Conselho Editorial:** Juiz Maurício Torres Soares (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juiz Renato César Jardim, Jornalista e escritor Carlos Herculanô

Diretor da Revista: Juiz Renato César Jardim

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (www.comunicatio.com.br)

Ilustrações: Sandra Bianchi

Impressão: Rede Editora Gráfica

Tiragem: 2.500 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



No mundo das ondas curtas

Matheus Chaves Jardim
Desembargador do TJMG

Em meados da década de 1970, período ainda conturbado pelos temores da “Guerra Fria”, no qual as matérias jornalísticas internacionais pautavam-se pelos noticiários emanados das agências Tass, soviética, e UPI, norte americana, emissoras localizadas nos diferentes quadrantes do globo disputavam espaço nos espectros das frequências dos 3.000 a 30.000 KHZ, em cujos limites se opera a denominada onda curta. Criadas em sua maioria durante a segunda conflagração mundial, objetivavam tais emissoras a divulgação do ideário político de seus países de origem, em programações diárias de cerca de três horas de duração, transmitidas em até 40 diferentes idiomas.

À feição de um astrônomo em busca da mais remota galáxia, constituía desafio ao ouvinte a descoberta da mais longínqua estação, localizada em plena Oceania ou nos confins siberianos, captada em meio a ondas de estática, desvanecimentos de sinal e interferências de toda a espécie. A pureza da recepção não constituía elemento motivador das prolongadas audições: distinguir em meio à mixórdia de sons a transmissão da rádio Damasco em muito superava a emoção de sintonizar a Voz da América, desde Washington DC, absolutamente soberana na faixa dos 25 m.

Instigante era escutar indistinguível locutora sino-brasileira apregoar as “benfazejas” reformas originadas da revolução cultural entronizada pelo “Camarada Mao”, repetindo a cada quarto de hora na faixa dos 19 m: “aqui Rádio Pequim”. Se a pregação chinesa voltava-se de forma incisiva contra o poderio imperialista soviético, a Rádio Central de Moscou opunha-se ao projeto “guerra nas estrelas”, implementado pelo governo Reagan, tachando-o de apocalíptico. Ruidosa prédica socialista

“À feição de um astrônomo em busca da mais remota galáxia, constituía desafio ao ouvinte a descoberta da mais longínqua estação.”

“O encantamento de tais audições muito se devia aos prelúdios musicais.”

era difundida pelas bandas da emissora soviética Paz e Progresso, cuja adesão cega à ideologia marxista só se fazia superar pela Rádio Tirana da Albânia.

O Muro de Berlim divisava as ondas sonoras irradiadas pela potentíssima Deutsche Welle das propagações difundidas em menor escala pela Rádio Berlim Internacional, situada no setor oriental da cidade, cuja pregação marxista só se fazia audível em condições atmosféricas plenamente favoráveis.

O encantamento de tais audições muito se devia aos prelúdios musicais, compostos por hinos nacionais, excertos de obras clássicas ou mero conjunto harmonioso de notas, temas necessários a advertir o ouvinte do iminente início das transmissões. Neste tópico, nada superava em imponência o ingresso ao ar da Rádio Praga, cuja trilha sonora fazia-se precedida pela locução eloquente: unde praha, cheskoslovensky zahranične vysivanie (edição sonora disponível em you tube - radio prague DS1). Não menos grandioso impunha-se o hino protestante executado na abertura da Rádio Transmundial, sediada na “pitoresca Ilha de Bonaire”, Antilhas Holandesas, habitat natural dos flamingos cor-de-rosa.

De Hilversum, Holanda, a Rádio Nederland promovia descontraídas transmissões diárias ao Brasil, estabelecendo à época interação radiofônica jamais vista pelas sisudas faixas das ondas curtas. De Cabo Verde, Augusto César lembrou-me de oportuna retransmissão, pela Rádio Nederland, de mensagem lida por meu pai, destinada à colônia holandesa no Brasil, em fita K7 enviada pela emissora ao propósito de avaliação da qualidade sonora de sua recepção. Pela primeira vez a inigualável dicção do Dr. Heros, consagrado locutor esportivo das rádios Itatiaia e Mineira, atravessara o Atlântico, desde Hilversum, alcançando-nos na frequência dos 49 metros, no ano de 1996.

Instruía-nos a Rádio Cairo acerca das sucessivas dinastias de faraós, remetendo aos ouvintes, com desmedida cordialidade, cartões postais de pirâmides, múmias e esfinges, além de completo material informativo sobre o inesgotável patri-

“Não raras vezes, as correspondências enviadas a países socialistas surgiam violadas pela Polícia Federal, circunstância a estimular, e não a refrear, a ânsia pelo preenchimento de relatórios de frequência cotidianamente enviados pelas emissoras.”

mônio cultural egípcio. Dentre as estações voltadas à apresentação de jornalismo desprendido de qualquer identificação ideológica, destacavam-se a Emissora Nacional Suíça, comandada por Torquato Leitão, e a Rádio Suécia, cuja última programação em língua portuguesa se deu em 30 de outubro de 2010.

Não raras vezes, as correspondências enviadas a países socialistas surgiam violadas pela Polícia Federal, circunstância a estimular, e não a refrear, a ânsia pelo preenchimento de relatórios de frequência cotidianamente enviados pelas emissoras. Consistiam tais questionários em pormenorizadas indagações sobre qualidade sonora das transmissões, sendo remetidos ao colaborador, em contrapartida, diplomas de inscrição em grupos regulares de ouvintes, orgulhosamente afixados nas paredes dos quartos em meio a pôsteres de conjuntos musicais e flâmulas desportivas.

Ao tempo da guerra pelas Ilhas Falklands [ou Malvinas] emitira o Serviço Mundial da BBC programação diária destinada aos soldados ingleses ancorados aos arredores da zona de conflito, sendo possível detectar, com excruciante clareza, as interferências radiofônicas deliberadamente emitidas por emissoras argentinas ao propósito de obscurecimento das mensagens.

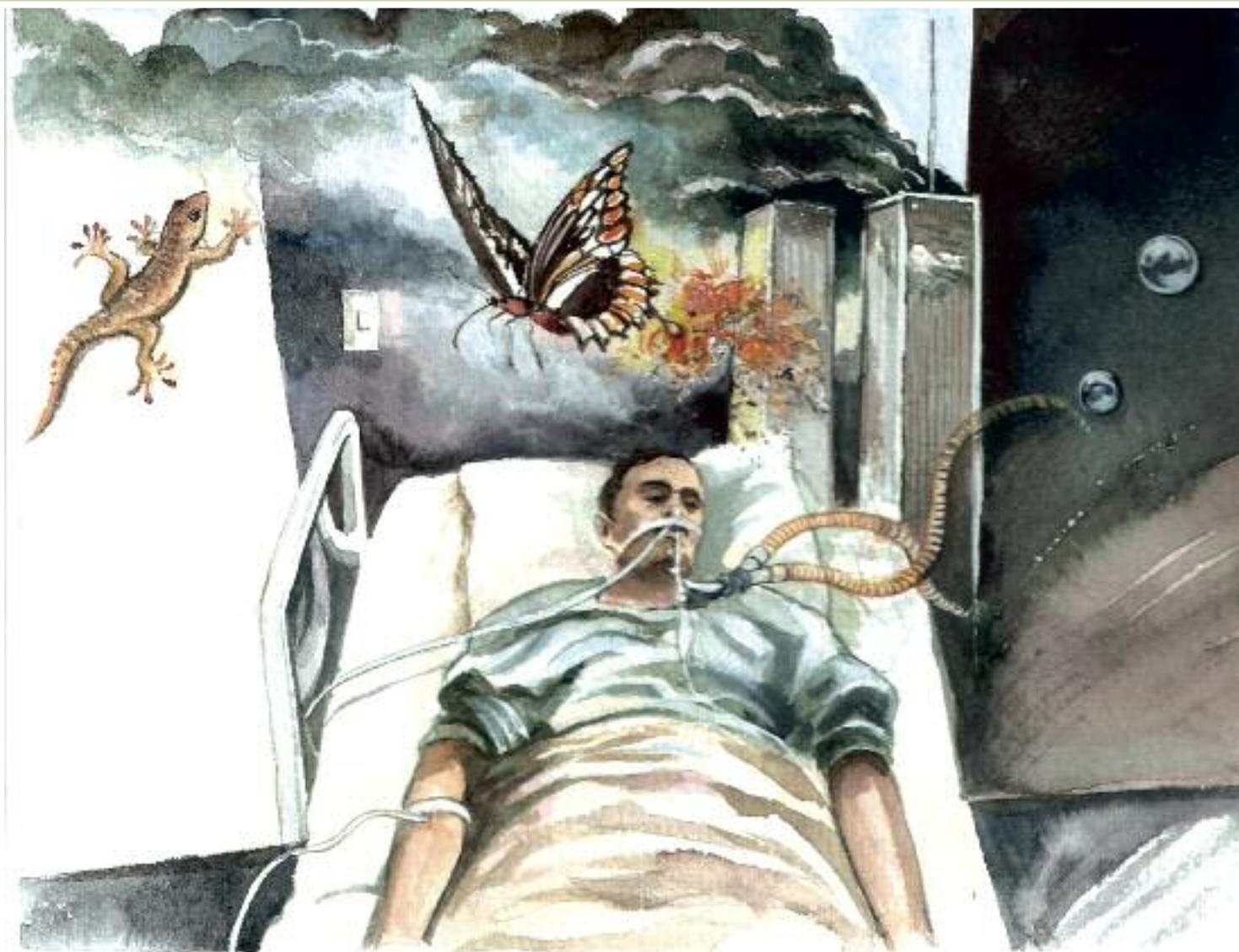
Terna lembrança evoca-me o Serviço Brasileiro da BBC, extinto em 3 de abril de 2005: hospedado em belíssima fazenda às margens da Represa de Furnas, na cidade de Cristais (MG), em

companhia de jubilosos colegas universitários, cujos interesses se limitavam ao extravasamento do furor gastronômico, ocorreu-me sugerir a audição das badaladas do Big Ben, às 20 horas. Obviamente, desconheciam os convivas a difusão diária de todo o badalar de Westminster, sucedido pela tradicional identificação da emissora: “Estação de Londres da BBC”. Estabelecido o desafio, fora sintonizada a BBC precisamente às 19h55, deixando-se fluir o espaço de cinco minutos reservado ao prelúdio da estação. Finda a introdução estabeleceu-se surpreendente silêncio; nada se justapunha às idas e vindas da propagação sonora. Sorrisos de reprovação e comentários picarescos difundiram-se por todo o ambiente. Subitamente, o saudoso Jader de Oliveira poupou-me de total descrédito ao comunicar em tom aturdido: “Esta noite, por problemas técnicos, pela primeira vez na história desta emissora, não será transmitido o carrilhão do Big Ben”.

Premidas pelos extraordinários gastos para manutenção de transmissores e imponentes ante o avanço das difusões via satélite, a imprimirem foros de imediatividade aos destaques jornalísticos, deixaram as estações de promover transmissões regulares em línguas estrangeiras, optando várias delas pela utilização de novas plataformas de difusão, como a internet.

Ao romantismo sucedera a tecnologia. Às culturas nacionais interpusera-se a globalização.

“Finda a introdução
estabeleceu-se
surpreendente
silêncio; nada se
justapunha às idas
e vindas da
propagação sonora.
Sorrisos de
reprovação e
comentários
picarescos
difundiram-se
por todo o
ambiente.”



Meditações de um terminal

Renato Jardim

Juiz de Direito em Belo Horizonte

Já desprovido do menor viço e enfatiado do nauseabundo aroma vindo da cozinha do hospital, próxima de seu indesejado aposento, prostrou-se agonizante no leito. Em seguida, ouviu esmorecido o som da campainha de emergência e uma desabalada correria em direção à unidade de tratamento intensivo. E quando havia apenas uma chama bruxuleante, compassada em veias ainda pulsantes, um flash radiológico trouxe o efeito sedutor de uma estrela cadente. Do devaneio irrompeu um desejo vivo, uma incerteza lotérica de se alcançar o possível improvável. Meditabundo em delírio, recordou das heras medradas no inóspito concreto do velho muro do hospital, tão contempladas nos incontáveis dias de internação. Jamais poderiam ter brotado ali, mas floresceram diante de uma improbabilidade. Na mente confusa, pediu à pseudoluz meteórica a vida por mais algum tempo. Não achava justo rogar a Deus naquele momento, maculando o seu caráter, se sempre duvidara de Sua existência, inclusive tornando públicas suas ideias. Debatedor em busca de suas verdades, não aceitava a manipulação do pronto inquestionável. Nas mínimas coisas, exercitava o juízo para desvendar o inacessível. Sem se saber panteísta, na procura de uma resposta a seus enigmáticos questionamentos existenciais, buscava na natureza a presença de alguma coisa transcendental. Com a mente atribulada, mergulhou na profundidade de uma incerteza angustiante. Sentia-se, nas variáveis de sua indecisão, ora seguro, ora amedrontado, numa dúvida atormentadora de seu espírito. Sentindo a visão se lhe turvar, desfaleceu.

Retomando a consciência, pensou nos adejos das borboletas nos jardins do nosocômio. Coloridas, interpretavam em suave enredo a silente melodia do vento. Suas asas, em simetria perfeita, sugeriam a impressão numa mesma matriz, almas gêmeas elevando aos ares a opção da natureza, festa da vicissitude da vida, onde a ordem natural sobrepunha a formosura ao repugnante, sem claudicar no destino da crisálida. Recordou enternecido das férias na fazenda, do vasto casarão de pau-a-pique caído de branco, onde depois do almoço, na sombreira varanda, deliciava-se em enlevado sossego, estirado em uma rede de linho, a observar na quietude do pomar os pássaros surrupiarem nacos de frutas dos pés carregados. Lembrou-se daquelas contemplanções campestres e dos questionamentos sem explicação. Vislumbrou na mente fotográfica suas peri-pécias nas áreas pedregosas da fazenda em busca de ninhos de escorpiões, recolhendo os maiores, de cor avermelhada, retirados debaixo das pedras calcárias, embrulhando-os depois na própria camisa para, em seguida, levá-los até o terreiro da casa, onde eram colocados em um círculo de fogo. Acuados pelas chamas os artrópodes utilizavam seus ferrões para inocular neles próprios a peçonha letal. Nas bucólicas admirações, intrigava-se com a secular e estática arquitetura do João-de-Barro. Em seguida vieram-lhe à mente as imagens das torres gêmeas do World Trade Center.

Angustiado, chorou a própria morte, ao prever o triste pranto de seus amigos no dia do desfazimento de suas dúvidas. Viu-se ereto em um ataúde e em volta, tristes, os companheiros enlutados. Aquele sentimento emergia em razão da evidência de uma recíproca amizade. Chorou pelos amigos, não por si. Doravante prantearia duas vezes a quem o precedesse no fim. Livre temporariamente das insuportáveis crises de apneia, meditou sobre o destino. Tinha dúvidas sobre a predestinação. Sabia da impossibilidade de se dimensionar a vida em sua duração, pois a medida da existência tornava-se exata e pública somente nas inscrições tumulares.

Desanimador, o regime imposto pelo hospital, próprio daqueles cuja saúde inspirava os mais zelosos cuidados, latanhava de morte qualquer pretensão de seu alvedrio. Os dias, passava-os solitário no quarto, na ânsia de uma única visita. A reclusão era atenuada apenas pelas rotineiras e terapêuticas visitas da enfermeira de seios fartos e lábios rubros. Seu olhar era profundo e enternecedor. A pele, de um albor lácteo enfeitiçante, digna de uma paixão, como a platônica instalada. Nas inextinguíveis noites, momento de lânguidas melancolias, distraía-se da profunda solidão ouvindo os sons vindos dos bares circunvizinhos, pulverizados pela distância imposta pelos extensos jardins do hospital. No penumbroso ambiente, recordava das noitadas regadas a bebida, cigarro e mulheres e do controle de suas extravagâncias exercido pela mãe, castradora de seus desejos e artífice das teias do solitário destino de seu único filho. Sentia-se como o principal protagonista pelo fatídico evento da morte da mãe em um acidente de automóvel. Dali em diante deu início a uma vida devassa. Definhava dia após dia, com fundas olheiras, num contínuo abatimento. As tosses, acompanhadas de dores nas costas, passaram a ser rotineiras e extenuantes. Muitas vezes, já internado, tinha acessos de otimismo, passando a acalantar a ideia de sair daquela situação e se comportar como se a mãe estivesse presente, mas logo caía na dura realidade de uma enfermidade irreversível, de uma solidão devastadora.

Chegou a pensar se valera o pranto derramado pelos amigos, se nem sequer uma única visita lhe dispensavam. Recordou das palavras do pai, retirado prematuramente de seu convívio, sobre os falsos amigos. Sentiu uma falta de complacência da vida consigo. Lembrou-se do vizinho Adão. Talvez pudesse estar exagerando em suas conclusões. Passou a refletir sobre Adão. Desde quando visitara o mundo, num frustrado presente materno, nem uma fresta sequer deixou a luz penetrar em suas retinas e pálpebras tresloucadas, paradoxalmente sedentas da incômoda e bem vinda claridade. Abriu-se para ele uma janela de um quarto escuro numa madrugada de um sertão sem luar. E assim seguiu aquele homem, para quem pouco importava se o mar era azul ou vermelho, ou amarelo. Era como Deus. Adão era uma pessoa interessante. Via os jogos de futebol

pelo rádio, ouvia-os pela TV. Não se interessava pelo *apartheid*, mas convivia com pessoas. Sentia profundamente as coisas com toques e olfato acurados. Não se iludia com flores sintéticas e os espelhos nada significavam. Pensou: talvez a vida tivesse sido menos benevolente com Adão. Num exercício racional, voltando a si, concluiu ter sido menos condescendente com a vida e esta mais complacente com sua pessoa.

Sentindo avizinhar a única e plena certeza comum a todos os homens, enfraqueceram-se-lhe as resistências. Embora em estado de aparente resignação, mantinha um receio e certamente não poderia administrá-lo. Não desejava ser mantido vivo às expensas de aparelhos. Não lhe apetecia a distanásia, sob o

argumento da constante evolução da medicina. Achava meramente um motivo econômico dos hospitais o prolongamento da vida por tempo indefinido. Pensou em convencer os médicos, a quem rotulava de magarefes insensíveis, pouco preocupados com sua refrega, a quebrarem o juramento de Hipócrates. Não queria viver apenas tecnicamente. Sentia-se acuado como os escorpiões nas rodas de fogo no terreiro da fazenda, numa situação ainda mais grave, porquanto seria incapaz de lograr seu autoextermínio. Seria mais sensato entregar sua causa à própria sorte. Completou três dias na unidade de tratamento intensivo.

De volta ao quarto no início da tarde, viu o sol atravessar o vidro da janela, penetrando obliquamente por uma fresta da persiana. Passou a observar o fecho de luz. Em sua claridade, o foco fazia perceber no seu interior os minúsculos grãos de poeira flutuando. Veio à sua mente uma imagem do passado. Admirou-se de dela recordar tantos anos depois. Viu-se no colo da mãe, na velha sala do sobrado onde moravam, ainda em tenra idade, ouvindo o cantarolar de uma canção de ninar e, da janela entreaberta, o sol chegando de soslaio, trazendo um fecho de luz semelhante àquele agora observado em situação de pouco afago. Uma saudade incontida da mãe, da infância bem vivida, fez emergir um misto de alegria e tristeza. Subitamente lembrou-se da canção acalentadora. Admirou-se. Jamais a ouvira novamente no curso da vida. Tentou recordar-lhe a letra. Encontrou-se cantando a música inteira. Emocionou-se. Bateu com a mão na coberta e observou os corpúsculos se multiplicarem. Aquelas partículas certamente habitavam todo o quarto, mas não eram visíveis sem a luz do sol em feixe. De outra sorte, a luz artificial não produzia o mesmo efeito. Sentia-se melhor da crise atormentadora. Ainda balbuciando a pueril melodia, acalentado por ela foi levado ao sono. Perto da noite, viu na tela do pequeno aparelho de TV a imagem de um avião jogando bombas e alimentos para os sobreviventes de uma guerra injustificável. Pensou naquele paradoxo. Era como se não pudessem morrer apenas de fome. Sentiu uma hipocrisia no ato de viver e começou a julgar a vida. Era ela, ao mesmo tempo, triste e feliz, de amor e ódio, de cão. Era assim, cruel e benévola, a todos. Desamparado, abateu-se-lhe uma profunda tristeza ao lembrar-se dos momentos de arrogância e orgulho norteadores de sua vida. Sentiu-se pequeno. Melhor seria deixar as coisas como estavam. A fé dos desesperados não lhe soava sincera.

Desvendava o sentido da vida. Rogou por uma nova oportunidade de bem vivê-la, mesmo em outra existência, na forma pregada pelos amigos espiritualistas aos seus ouvidos moucos. Adão certa vez falara sobre a evolução do espírito. Da opção em se retornar à vida terrena na forma como a cada um melhor aprover, com o escopo de se aprimorar, alcançando-se por etapas a plenitude dessa evolução. O cego confidenciara-lhe a respeito de uma revelação mediúnica, no sentido de ter reencarnado na escuridão em razão de um comportamento delator em outra passagem, quando teria utilizado a visão para fins menores. Elegeu retornar como um andrajoso. Ato contínuo, pensou na plausível possibilidade da inexistência de outra

“Num exercício racional, voltando a si, concluiu ter sido menos condescendente com a vida e esta mais complacente com sua pessoa.”

chance, com sua vida acabando ali, para sempre, sem ao menos deixar-lhe uma sequência, um filho, em verdade nunca desejado por força de exacerbado egoísmo. Sentiu a natureza roubando a sua soberba, antes de vibrar-lhe o lúgubre golpe.

Enfasiado das diurnas imagens trazidas pelo aparelho de televisão, virando a cabeça no travesseiro percebeu os acontecimentos na tela da parede. Pareciam mais interessantes. Observou uma lagartixa, reparando nela a transparência repulsiva de seu revestimento. Ao se sentir avistado, o fugidio animal escondeu-se atrás do armário metálico esmaltado em bege, único móvel a compor o ambiente além da cama. Refletiu sobre a existência daquele asqueroso ser, de origem pré-histórica, certamente, e de hábitos noturnos. Não se recordava de algum dia ter visto alguém matar uma lagartixa, apesar de sua repugnância. Era um animal socialmente tolerável dentro dos lares, ao contrário das baratas. Chegou a pensar sobre a existência de alguma convenção universal sobre o destino das lagartixas. Desfez-se logo do insano pensamento. Dormiu.

Despertado pela enfermeira, recebeu numa bandeja de alumínio a rala canja do jantar. O relatório de seu estado vinha com ela, como acontecia ao final de cada dia. Seus olhos continham uma pergunta ansiosa e a notícia do estado satisfatório soou como uma dádiva do clarão repentino de luz cadente, a quem rogara dias antes pela possibilidade de mais algum tempo de vida. Mais um dia sem os incômodos da doença já seria o bastante para trazer conforto a quem nada mais esperava. Lembrou-se dos insetos e do seu ciclo vital limitado a pouco mais de um dia. Refletiu sobre a efemeridade da existência, comparando-a a uma bolha de sabão. Como eram lindas e coloridas aquelas originadas de seus pueris sopros, brotadas dos tubos de galhos de mamoeiro. O sabão dissolvido na água transformava-se em glóbulos de cristalinos tons prismáticos, os quais aguardavam apenas os segundos vibrarem o esvaecente golpe. Pensou no seu delicado estado de saúde, malgrado a repentina melhora. Sentiu pena de si, de não ter aproveitado as chances da vida. Quantos regalos teria perdido na solidão. Poderia estar rodeado de filhos naquele momento, compartilhando as alvissareiras notícias trazidas pela enfermeira. Ao mesmo tempo sentia o conforto de sua eventual morte não causar dor a entes queridos.

Agradeceu à enfermeira. Fez isso e sentiu-se enfraquecer. Uma tonteira tomou-lhe a cabeça. Afrouxaram-se-lhe as forças. Desfaleceu. Prestes a esvaír-se, ouviu alucinado o som da campainha de emergência. Foi levado ao centro de tratamento intensivo. Entubado, a pulsação noticiada pelos aparelhos mostrava um prognóstico desfavorável à vida. Num alucinado pesadelo, vieram-lhe imagens trazidas por um foco de luz de cinema. Em seu trajeto visualizavam-se as tênues partículas de poeira e fumaça do ambiente. Na tela, lagartixas gigantescas e ferozes agitavam suas caudas em chicotadas e devoravam os amigos por quem havia chorado. Em outra cena, deparou com o chamado paredão da vida, na verdade o velho muro do hospital, onde bilhões de inscrições cravavam a medida da existência de todos os homens vivos. Lendo uma extensa lista,

“Poderia estar
rodeado de filhos
naquele momento,
compartilhando as
alvissareiras notícias
trazidas pela
enfermeira.”

Adão fazia a chamada daqueles cujos contratos haviam se encerrado, após um sopro de vento aniquilador da frágil matéria humana. Procurou e não encontrou o seu nome. Na sequênciã, contemplou um raio de luz vindo do céu clausular no concreto do muro do pacto da sua vida, com prazo de vigência indeterminado.

Havia uma imensa paz no hospital. O capelão pregava aos enfermos sobre a fé serôdia. Se brotada do coração, dizia o padre, seria recebida como aquela há muito cristalizada. As borboletas movimentavam os jardins. A chama voltou a bruxulear. O seu titubeio era a convicção da vida ainda.



Alphonsus de Guimaraens

A sacrificada vida do poeta simbolista do amor, da morte e do luar - o pobre e solitário juiz municipal de Mariana

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG

Quando Constança faleceu, de tuberculose, em Ouro Preto, em 28 de dezembro de 1888, aos 17 anos de idade, seu noivo, o poeta Alphonsus de Guimaraens, futuro juiz municipal de Conceição do Serro, hoje Conceição do Mato Dentro, e de Mariana, permaneceu em Ouro Preto por mais de um ano sem estudar, na boemia, desconsolado.

Filha do romancista Bernardo Guimarães, Constança era prima do grande poeta simbolista mineiro, que, mesmo se casando depois e gerando 15 filhos, teve-a como musa pelo resto de sua pobre, sofrida e solitária existência. Assim, tornou-se conhecido como o poeta do amor e da morte e, também, do luar, inúmeras vezes invocado em sua obra poética, precocemente encerrada em 15 de julho de 1921, quando faleceu em Mariana, nove dias antes de completar 51 anos.

Seu filho, também poeta, Alphonsus de Guimaraens Filho, em *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente* – biografia em forma de diálogo com o pai, interlocutor ausente, a quem não conheceu porque em 1921 tinha apenas três anos de idade –, escreveu: “A fidelidade espiritual à noiva morta te faria mesclar sempre amor e morte, porque bem sabias que o amor é forte como a morte. E ao amor forte como a morte, e à morte forte como o amor te consagraste em pungente, dorida meditação”.

João Alphonsus, outro filho literato – poeta, romancista (*Rola Moça* e *Teotônio Pacheco*), contista e novelista (*Eis a noite*, *Galinha cega* e *A pesca da baleia*) –, na “Notícia biográfica” com que em 1938 introduz a primeira edição das *Poesias* do pai, afirma que ele amava Constança, e acrescenta: “A doença implacável extremou, espiritualizou o namoro, desde logo admitido como noivado numa ilusão confortadora para os dois enamorados, pouco mais do que adolescentes”.



Continua João Alphonsus: “Conservou-se na família a lembrança dos bailes que ainda frequentavam, ela escondendo a tosse no lenço fino que o noivo lhe fornecia e guardava com carinho, mas que sua mãe Francisca logo lhe apreendia ao chegar em casa, zelosamente. O curso de engenharia ficou abandonado, com alguns meses de frequência. O estudante descurou as

matemáticas, para assistir a sua noiva diariamente, constantemente.”

*Foi pelo meado de setembro
No Jubileu, que eu vim a amá-la.
Ainda com lágrimas lembro
Aqueles olhos cor de opala.*

*Era de tarde. O sol no poente.
Baixava lento. A noite vinha.
Ela tossia, estava doente...
Meu Deus, que olhar o que ela tinha!*

*Ela tossia. Pelos ninhos
Cantava a noite, toda luar.
S. Bom Jesus de Matozinhos
Olhava-a como que a chorar...*

João Alphonsus acrescenta: “É a poesia ‘S. Bom Jesus de Matozinhos’, de Kiriale, composta depois de 1891. Teria começado o amor quando ela já tossia durante o Jubileu de S. Bom Jesus de Matozinhos na Capela do Alto das Cabeças de Ouro Preto, na mesma Rua das Cabeças onde morava a viúva de Bernardo. Amor e misticismo, constantes do Poeta para toda a vida: os noivos rezando a S. Bom Jesus de Matozinhos para que a noiva se curasse... Definhava o corpo jovem demais, sem resistência ao mal sem remédio: cresciam no rosto magro os olhos côr de opala. E Afonso viveu para Constancinha, como lhe chamavam, vida sem outro objetivo a não ser aquela dedicação, até os olhos dela se fecharem para sempre, aos 17 anos”.

Príncipe dos poetas mineiros, patrono da Academia Mineira de Letras, a *Casa de Alphonsus de Guimaraens*, um dos dois maiores nomes do Simbolismo no país (o outro é o do catarinense Cruz e Sousa - 1861/1898), Afonso Henriques da Costa Guimarães (depois, suprimiria o “da Costa”) nasceu em Ouro Preto em 24 de julho de 1870, na casa 27 da Rua São José, depois Tiradentes. Era filho do comerciante português Albino da Costa Guimarães e de Francisca de Paula Guimarães Alvim, sobrinha materna de Bernardo Guimarães. Ele pedira a mão da irmã, mas o pai lhe repondera que a filha casadoira era a mais velha, Francisca. Albino hesitou, mas, depois de algum tempo, assentiu, casando-se com a primogênita.

Botecos misteriosos, ruas soturnas

Estudou no Liceu Mineiro de 1882 a 1886 e se matriculou em 1887 na Escola de Minas, de Ouro Preto, para estudar engenharia civil e de minas. Abatido pela morte da amada, diz João Alphonsus, o poeta procurou fixar sua “*angústia atônita*” em versos imediatos que se perderam, desaproveitados em livro. “*E se evadia para a boêmia literária, a estúrdia tradicional dos estudantes em botecos misteriosos, mal iluminados, depois as passadas nas ruas soturnas, as vozes naquelas ruas que ficam a desoras como que êrmas há séculos, também mal iluminadas com lampiões de querosene, pesadas de uma tradição de tragédias maiores, de outros amôres infelizes de poetas...*”

Depois, Alphonsus foi para São Paulo, em 1890, e, em 1891, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Na capital paulista atuou em jornais, como o *Diário Mercantil*, *Diário de São Paulo*, *Correio Paulistano* e, principalmente *O Estado de S. Paulo*, onde publicava versos na coluna “Parnaso”.

Entre os companheiros de então figuravam o poeta simbolista mineiro padre José Severiano de Rezende, seu maior amigo, e Adolfo Araújo, fundador de *A Gazeta*. Levou vida boêmia enquanto estudava, tendo frequentado a luxuosa residência do poeta Jacques d’Avray, pseudônimo de Freitas Valle, denominada *Vila Kirial*, ponto de encontro de poetas e de outros artistas, local de “*tertúlias regadas a generosos vinhos de uma adega preciosa*”, como escreveu João Alphonsus. O nome da vila inspirou o do seu, cronologicamente, primeiro livro, *Kiriale*, publicado em 1902, sob a assinatura de Alphonsus de Vimaraens, um dos seus inúmeros pseudônimos.

Pseudônimos e obra

O poeta usou vários pseudônimos nos seus versos humorísticos e textos em prosa, como Old Tom, Quatrigerebas, João Ventania, Guy d’Alvim, José Marques, João Carrilho, Procópio Pitanga, Hidalgo, Catimbau, José P’reira. Nos jornais do interior, assinava versos com os nomes dos amigos, pessoas simples.

Alphonsus publicou em 1899 o *Setenário das Dores de Nossa Senhora e Câmara Ardente*, conjuntamente, e *Dona Mística*. Em 1902 publicou *Kiriale* e, em 1920, *Mendigos*, prosa. *Pauvre Lyre*, versos em francês, é de 1921. *Pastoral dos crentes do amor e da morte*, *Escada de Jacó*, *Pulvis*, *Crônicas de Guy d’Alvim*, *Salmos da Noite* (versos da mocidade) e *Versos Humorísticos* são livros póstumos.

Toda a sua obra, englobando a recuperada em coleções incompletas de jornais, está reunida na *Poesia Completa*, de 1960, esgotada.

A presença espiritual de Constança

João Alphonsus conta que, em São Paulo, o pai namorou Ester, sobrinha da dona da pensão em que morava, admiradora de seus versos, mas “*fugiu dela e da pensão*”, e Adélia, também sem consequências. Seu primeiro amor de São Paulo ficou nos versos de *Dona Mística* (1899), “*mas unicamente pelo nome de Ester, com que batizou, numa canção, a MORTA cuja presença espiritual enche o livro: ‘Morte de Ester’..*”

*O caixão poussa... Nele repousa
Esta que se chamou Dona Ester
De mãos cruzadas, nele repousa
Esta que é anjo e já foi mulher.*

*Dona Ester, dona Ester, pobre morta,
Se lá no céu de mim te lembrares
Baixa de lá, doce e pobre morta,
Os teus olhares crepusculares.*

Um promotor que não acusava

Retornando à origem, transferiu-se em 1893 para a terceira série do curso de ciências jurídicas da Faculdade Livre de Direito, fundada em Ouro Preto em 1892, formando-se em 15 de julho de 1894. No seu quadro de formatura consta seu nome literário latinizado em definitivo.

No dia 13 de março de 1895 foi nomeado Promotor de Justiça da Comarca de Conceição do Serro, simplesmente Conceição a partir de 24 de janeiro de 1925, e Conceição do Mato Dentro desde 31 de dezembro de 1945 (Decreto-lei nº 1.058), conforme Waldemar de Almeida Barbosa no *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Era seu primo o juiz de direito de Conceição do Serro, o Dr. Antônio Augusto de Ataíde, que o guiaria no início da carreira, mas, conta João Alphonsus, ele não chegou a fazer “*nenhuma acusação no júri, absolutamente avêssos a falar em público, e ainda mais avêssos a acusar...*”

Tendo sido substituído, na primeira vez, por promotor interino, na segunda, procurou exercer plenamente a função ministerial, fazendo acusação no júri, mas passou mal em casa, na hora do almoço: A esposa, Zenaide, “*o viu empalidecer, escorregar na cadeira, abandonar o corpo sem forças como sem vida: desfalecera*”. O promotor interino o substituiu novamente, naquela ocasião e nos poucos meses em que permaneceu no cargo. Em 17 de junho de 1895, Alphonsus passou a juiz substituto de Conceição do Serro.

Um simbolista romântico

Chegara a hora de se casar. Numa casa em frente ao Largo do Chafariz, em Conceição do Serro, moravam várias irmãs. Conta João Alphonsus que, atraído pela beleza de uma das moças, as irmãs e as primas, que ali se reuniam todas as tardes, o jovem juiz (25 anos) passa a frequentar uma loja em frente, suscitando dúvida entre elas, pois “*não sabiam qual delas atraía o doutor poeta. Uma grande caixa de passas, artística, com flores na tampa, indicou-a, quando o caixeiro da loja veio trazer o presente a Zenaide, recebido entre os risos das companheiras*”.

Zenaide era filha do capitão João Alves de Oliveira, modesto escrivão da Coletoria Estadual. O pedido de noivado foi feito em 31 de outubro de 1896, recebido oficialmente no dia seguinte, e o casamento se deu em 20 de fevereiro de 1897, três dias depois de a noiva completar 17 anos.

A roxa flor dos cinamomos

Na frente da casa dela havia um coqueiro e um cinamomo. Em diferentes momentos, o poeta celebrou seus dois amores com poemas invocando as plantas. Alphonsus de Guimaraens Filho, referindo-se à “companheira admirável” do pai, observou: *“Ao falar dela – o amor real – logo nos acode Constança – o amor ideal (talvez possamos defini-los assim), para apontar uma coincidência na forma como a ambas celebraste na poesia, através da sugestão da roxa flor dos cinamomos”*.

No poema XXVI do livro *Pastoral aos crentes do amor e da morte* (1923), referia-se ao “amor real”:

*Existem junto da fonte,
Crescidas à luz do luar,
Duas árvores defronte
Da janela do teu lar.*

*O coqueiro e o cinamomo
Nasceram do mesmo chão...
De noite são tristes como
Quem morre do coração.*

*A fonte dorida chora
Por entre seixos de luar,
Quando se fecham, Senhora,
As janelas do teu lar.*

*E o coqueiro, todo em palmas,
Beija o cinamomo em flor...
Imagem das nossas almas
Unidas no mesmo amor.*

A penúria material do juiz municipal

O governo estadual suprimiu em 1903 o cargo de juiz substituto. Assim, *“viu-se Alphonsus sem proventos para a sua família”*, diz João Alphonsus, acrescentando que Adolfo Araújo chamou-o para São Paulo, para trabalhar em *A Gazeta*, *“ganhando quatrocentos mil-réis mensais, boa soma para a ocasião, além de lhe custear o transporte para ele e para os seus. Recusou a proposta”*.

Surgiu solução mais compatível com suas pretensões: o presidente da Câmara Municipal, Soares Maciel, criou em 20 de março de 1904 o semanário *Conceição do Serro*, órgão oficial do município, para ser dirigido pelo poeta, passando a ser esta a sua única e minguada fonte de renda. Nele publicava, além de poemas, crônicas e velhas sátiras contra médicos – o chefe da oposição era médico.

Poucos meses depois, em 18 de setembro de 1904, voltou a ser nomeado Promotor de Justiça da Comarca de Conceição do Serro. Assumiu o cargo em dezembro, deixando a redação,

“Em diferentes momentos, o poeta celebrou seus dois amores com poemas invocando as plantas.”

mas continuando como colaborador do jornalzinho, que tinha quatro páginas e sobreviveu até 12 de fevereiro de 1905.

No início de 1906, pleiteou o cargo de *juiz municipal* da comarca, no qual se transformara o de *juiz substituto*, mas a isso se opôs o médico antes satirizado, agora chefe político de Conceição do Serro. *“Pode-se dizer que isso o obrigou a desfixar-se daquela terra”*, observa João Alphonsus. Em 11 de fevereiro de 1906, conseguiu ser nomeado juiz municipal de Mariana.

10 dias a cavalo, dentro de caixotes

Alphonsus assumiu em abril de 1906, conforme noticiou no dia 22 o jornal local *O Germinal*, publicando na mesma edição um soneto dele. A viagem da família para Mariana, a cavalo, durante 10 dias, em junho de 1906, foi uma epopéia. Ele foi buscá-la no caminho. Viajavam os cinco filhos nascidos em Conceição do Serro: os varões João e Albino e as filhas Afonsina, Altair e Ana Eulira. Em Mariana nasceriam José, Guy, Nazareno, Afonso Henriques (Alphonsus de Guimaraens Filho), Francisca, Zilá, Maria do Carmo, Joaquina Stela, Guiomarina, Acidália e Constança, a caçula.

João Alphonsus, que era advogado, relata a viagem no romance *Rola-Moça*, no qual o bacharel Anfrísio se recorda de uma viagem feita quando criança. Mencionando uma casinha de porta e janelas azuis do trajeto, com enorme pé de mangas perto da entrada, há poucos dias derrubada, recorda-se o personagem: *“Talvez a houvesse visto repetida à beira do caminho quando, menino de cinco anos, fora transportado numa viagem de 12 dias, acompanhando a remoção do pai, magistrado pobre, entre duas comarcas longínquas: em dois caixotes do tamanho de leitos infantis, ao fundo colchões e travesseiros, pendurados na cangalha de um burro lerdo e possante, um preto a pé puxando o cabresto, de sol a sol... Dos cantos dos caixotes partiam varas para suster o toldo de pano grosso e grosseiro, proteção contra os raios diretos do céu escampo, mas não contra o calor sertanejo que com o balanço dos passos do animal dava um sono invencível. Nos*

intervalos do sono Anfrísio comia frutas ou biscoitos de duas cestas também penduradas de cada lado, ou fincava o queixo na borda do caixote e contemplava a paisagem lentíssima de matos, roças, várzeas, raras moradas de porta e janela, em distâncias que a vagareza tornava astronômicas... Haviam derrubado a casinhola e a mangueira”.

Durante o resto de sua existência, escreveu em prosa e verso em *O Germinal*, colaborando também em outros pequenos jornais do interior de Minas. Seu mais conhecido poema, *Ismália* (Canção XXXIII de *Pastoral*) – publicado inicialmente com o título de “Ofélia” e mudado para não ser associada à protagonista de Shakespeare – saiu também no jornal “*Montes Claros*”, daquela cidade, em 29 de junho de 1916.

*Quando Ismália enlouqueceu
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.*

*No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar.*

*E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar,
Estava perto do céu,
Estava longe do mar.*

*E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar.*

*As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...*



GONSTANÇA

Cargo temporário, vencimentos minguados

Alphonsus Filho conta que a família se instalou na casa da rua Sant’Ana: “*Residirias em três outras (nunca terias a tua): um sobrado na rua Direita, mais ao alto; outra na rua do Rosário, destruída para dar passagem aos trilhos da Central; e, a partir de 1913, aquela, da Rua Direita, em que faleceria*”.

Em Mariana, primeira capital de Minas, por ele referida, em crônica, como a “*pobre avozinha das cidades mineiras*”, Alphonsus continuou a viver as agruras financeiras que começaram em Conceição do Serro, com os minguados vencimentos de juiz municipal e a parca remuneração da colaboração aos jornais.

Para se ter uma ideia da modéstia dos vencimentos, diga-se que, na estrutura da organização judiciária do Estado de Minas Gerais, juiz municipal vinha abaixo do desembargador, do juiz de direito e do juiz municipal da capital. O juiz municipal das sedes das comarcas de 2ª e 3ª entrâncias também ganhava mais do que o juiz municipal dos *termos* anexos das comarcas.

A reforma judiciária operada pela Lei nº 375, de 19 de setembro de 1903, suprimiu o cargo de *juiz substituto*, por ele então exercido em Conceição do Serro, e criou o de *juiz*

municipal, dispondo que, a partir de 1º de janeiro de 1904, desembargador ganharia 12 contos de réis. Ganharia um quarto desse valor juiz municipal das sedes de comarca: três contos de réis. Mais do que juiz municipal, segundo a mesma lei, ganhava Oficial do Tribunal da Relação, Corte de Apelação a partir de 1934 e, desde 1946, Tribunal de Justiça. Seus vencimentos superavam somente os dos mais modestos funcionários do tribunal, como o porteiro (um conto e 500 mil réis) e o contínuo (um conto e 200 mil réis).

Alphonsus Filho salienta o que representou para o pai a supressão do cargo de juiz municipal ou substituto. *“Até o final pode-se dizer que não tiveste mais paz. A recondução quadrienal era uma incógnita, uma hipótese, o que naturalmente te afligia, tanto mais que a família ia crescendo. Atormentado com os problemas domésticos derivados de um orçamento insatisfatório, absolutamente insatisfatório, escrevias a teu filho João, já então em Belo Horizonte...”,* desde 1918, dizendo, em 15 de junho de 1919: *“Embora eu saiba que o meu quadriênio me garante aqui mais três anos de estada, procura saber o que há no Congresso sobre os juízes municipais”*. Completa Alphonsus Filho: *“Esse o fantasma que te rondou sempre. Implacável”*.

Livro funcional do Tribunal da Relação, do acervo do *Museu da Memória do Judiciário Mineiro*, registra que o Dr. Afonso Henriques Guimarães, nomeado juiz municipal de Mariana em 7 de fevereiro de 1906, entrou em exercício em 12 de abril de 1906, foi reconduzido em 7 de abril de 1910, sendo o exercício interrompido por 10 dias, em 8 de dezembro de 1911, *“por moléstia justificada”*, e de novo reconduzido em 22 de abril de 1914 e em 13 de abril de 1918. Adiante da data 15 de julho de 1921, anota: *“Faleceu”*.

Sabará, o sonho irrealizado

Alphonsus se correspondia com Mário de Alencar, filho do romancista José de Alencar. Conta Alphonsus Filho que o pai, em carta de 2 de março de 1908, observou que ele se equivocara ao lhe endereçar carta ao *“D. Juiz de Direito de Mariana”*. Explicou: *“Sou, como já te disse, simples e temporário juiz municipal. Não pude colocar-me ainda na magistratura vitalícia do Estado, tal é o enxame dos bacharéis bafejados pela política”*.

Somente uma vez o poeta, efetivamente, tentou conseguir melhorar sua situação na magistratura. Foi em 1919, dois anos antes de falecer. João Alphonsus instou-lhe para que pleiteasse remoção para a Comarca de Sabará, em que haveria uma vaga de juiz municipal. O pedido foi feito ao Secretário do Interior, sem alusão às dificuldades financeiras nem à necessidade de educação dos filhos. Alegou apenas que ficaria mais próximo de Belo Horizonte.

João Alphonsus informa: *“Não foi removido. Faltou-lhe a mão do amigo que o fosse buscar no seu isolamento para uma vida menos modesta e apagada, ou a oportunidade que se lhe oferecesse sem humilhações para mudar um destino. Sem humilhações. A pureza da sua poesia iluminava também o seu caminho certo: – já escrevi uma vez”*.

E acrescentou: *“É literariamente interessante a terminação de sua vida em Mariana. O solitário de Mariana... Mas essa solidão, como defesa íntima, como riqueza interior, ele já a trouxera consigo para a cidade merencória, desde os melhores dias, e levá-la-ia intacta e incorruptível para um outro ambiente: mais recursos materiais não modificariam a sua formação inexorável de Poeta,*

“Faltou-lhe a mão
do amigo que o
fosse buscar no seu
isolamento para
uma vida menos
modesta e apagada,
ou a oportunidade
que se lhe oferecesse
sem humilhações
para mudar um
destino.”

propiciando-lhe, isso sim, meios com que lutar contra os males do corpo – e viver mais e melhor. Ao mesmo tempo que o desalento o ganhava diante da vida material, a poesia era o grande consôlo, e menos amarga, e menos desiludida, do que a da mocidade...”

O cargo “o impedia apenas de morrer faminto”

A propósito da irrealização do modesto sonho, Manuel Bandeira escreveu artigo, republicado no Suplemento Literário do Minas Gerais, nº 226, indignado com a falta de amigos que dessem a mão ao solitário poeta para obter a remoção. Destacou, primeiramente, trechos de outra carta de Alphonsus a Mário de Alencar, datada de 9 de abril de 1908: “Sou juiz municipal, ganho uma miséria, mas vou vivendo, Deus louvado. (...) Quanto a meus trabalhos, tenho escrito bastante. Colaboro na Gazeta de São Paulo, de que é redator-proprietário o Adolfo Araújo, recebendo alguns pintos magros (...) Que seria de tu, se em vez de viver nesse centro de luz, entre espíritos de eleição, arrastasses a vida que levo, só completamente só, nestes míseros sertões mineiros (...) Somente a minha pobreza, vivendo num pardieiro medieval...”

Depois disso, Bandeira escreveu: “Leio essas linhas pungentes e, mais uma vez, me revolto contra os amigos do poeta, que se tornaram figurões poderosos da política e nada fizeram para melhorar as condições de vida do velho companheiro, pai de quatorze filhos”, embora ele aspirasse “apenas o juizado municipal de Sabará. Nem por isso, ninguém senão seu filho, mexeu uma palha. Alphonsus teria que ficar até o fim em Mariana”.

“Apareceu-nos o poeta primordial e total que se impôs nos primeiros planos, a despeito de sua vida obscura, fechada, torturada, agoniada, nos recessos de Minas.”

O professor Wilson Melo da Silva, civilista, crítico literário, em *O Simbolismo e Alphonsus de Guimaraens*, invoca o trecho da carta do poeta a Mário de Alencar, em que diz que ganha uma miséria, mas vai “vivendo, Deus louvado”, e o da carta que ele enviou a João Alphonsus em 5 de novembro de 1918, desculpando-se pelo fato de outro filho, Albino, não ter viajado ainda a Belo Horizonte, esclarecendo: “A respeito da ida do Albino, farei o que me fôr possível. Há dificuldade até de roupa com que ele deve comparecer aí”. O crítico, então, completa: “E isso era a fome...”

No artigo “Alphonsus de Guimaraens”, transcrito por Alphonsus Filho em *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*, o Padre José Severiano de Rezende afirma que o amigo, depois de se livrar das influências de Baudelaire e Verlaine, “apareceu-nos o poeta primordial e total que se impôs nos primeiros planos, a despeito de sua vida obscura, fechada, torturada, agoniada, nos recessos de Minas, onde um cargo na magistratura o impedia apenas de morrer faminto”.

Uma hora de êxtase do fã Mário de Andrade

Aos 49 anos, Alphonsus recebeu em Mariana, em 10 de julho de 1919, a visita de “um rapaz de alta cultura” de São Paulo, de 21 anos: Mário de Andrade. Em carta a Alphonsus Filho, que a publicou em *Itinerários*, o futuro autor de *Macunaíma* conta: “Estive com seu Pai ali pela manhã, naquele escritório poento e cheiíssimo de livros que, si não me engana a memória visual, ficava ao nível da rua, do lado esquerdo de quem entrava na casa, era isso mesmo? E foi uma hora de êxtase em que eu não disse nem um bocadinho que era poeta. Deus me livre! (...) Me apresentei apenas como fan e assim fiquei todo o tempo. (...) Eu lia em voz alta, dizem que eu leio bem, os versos que Alphonsus me mostrava. Comentávamos juntos as belezas, só se falou de poesia, nem era possível conversar vida entre nossas idades e o conhecimento de minutos sem continuidade”.

“Um jardim esquecido no meio do Brasil”

Logo depois, em *A Cigarra* de 1º de agosto de 1919, publicou artigo sobre a visita, republicado em *Itinerários*, dizendo: “Em Mariana, a Católica, fui encontrá-lo na escuridade de sua casa de trabalho, sozinho e grande”. Chamou também a primeira capital de Minas de “episcopal cidade” e de “cidade das orações silenciosas – tam solitária, que mesmo as pessoas que se juntam têm a impressão de estar sozinhas...” E adiante: “E foi uma hora de inesquecível sensação a que vivi com ele. Na tristura do aposento, pude dizer-lhe, pausadamente, as lindas coisas que eu sentia sobre a sua arte desacompanhada e incompreendida. Alphonsus de Guimaraens escutava-me em silêncio; e naquele sacrário de religiosa estesia, na mudez do passado que nos rodeava, pudemos ambos ouvir a voz da minha alma a cantar, num epinício, à arte magnífica do mestre... [...] Passaram-me então pela voz grande cópia de versos maravilhosos que a nossa gente não sonha nem imagina – fortunas de poesias, nababescas, sepultadas numa terra de saudade. Versos encantados, dos mais lindos da língua portuguesa, dos mais comovidos dos nossos dias... [...]. A sua poética, toda de amor e unção, tristonha e pura, sem os ribombos do ódio, sem as fanfarras da paixão, é um jardim esquecido no meio do Brasil, onde florescem, num perfume emoliente e casto, as rosas, os lírios, as violetas, as saudades...”

Um “juiz reto e magnânimo”

O poeta Enrique de Resende, integrante do grupo modernista “Verde”, de Cataguases, na biografia *Retrato de Alphonsus de Guimaraens* (com f no lugar de ph), escreveu que ele era “juiz reto e magnânimo”, e contou o caso de um pronunciado por crime inafiançável que, algum tempo depois de foragido, reapareceu na comarca. Um advogado o aconselhou a procurar o juiz para pedir-lhe a mercê de aguardar seu júri em liberdade. “*Trata-se de um poeta, disse-lhe o causídico. Elogie-lhe, primeiramente, os versos... Convide-o ao bar...O resto é fácil*”. O homem procurou-o em sua casa, o juiz disse que examinaria os autos, mas, sob reserva, solicitou a presença de duas praças em sua casa, entregando-lhes o criminoso. Horas depois, aos amigos, confessou-se arrependido, “*sem contudo voltar atrás*.”

O “hábito imoderado do vinho”

O biógrafo conta ainda sobre o poeta: “*Bebia, só. De preferência em casa, ou nos fundos da casa comercial dos irmãos Vocaro, ou ainda no Triveli. Saía, às vezes, em ‘alta temperatura’, e foi assim que concebeu o poema A Catedral, conta o biógrafo, que o considera “uma das mais belas páginas da literatura nacional”*.”

Constrangido por ter que examinar a vida íntima do biografado, mas explicando haver “*razões superiores a que devemos obediência*” – o leitor em geral não dissocia o homem do artista –, escreve Enrique de Resende: “*Dói-nos falar, por exemplo, da sua dipsomania. Mas, de outro lado, quanto nos é grato proclamar a probidade, a retidão, o caráter inamalgável desse homem boníssimo, e perdoar-lhe ainda o hábito imoderado do vinho, de que aliás nenhuma culpa lhe cabe, pois recebeu-o êle das mais velhas e remotas fontes ancestrais*”.

Em outro ponto, vê traços comuns entre Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Alphonsus, que “*viveram os mesmos infortúnios, torturaram-nos as mesmas obsessões: o álcool, a pobreza e a misantropia são denominadores comuns que identificam, aplainam e irmanam êsses três poetas de raças diferentes*.”

A notícia da morte e um intrigante poema

Enrique de Resende conta que, na madrugada de 15 de julho de 1921, “*sentindo falta do companheiro no leito, a esposa do poeta, como que assaltada por estranho pressentimento, se dirigiu rápida ao interior da casa, indo encontrá-lo morto num dos ângulos da sala de jantar. Ali jazia, inerte, completamente ignorado, um dos maiores poetas do Brasil*”.

O biógrafo estava em Cataguases quando seu pai leu no jornal a notícia do falecimento. Deslocou-se para Juiz de Fora, para melhor se informar com o jornalista Heitor Guimarães, redator-chefe do *Jornal do Comércio*, um dos fundadores da Academia Mineira de Letras. “*Contou-me Heitor que Alphonsus lhe enviara um poema, destinado ao Jornal do Comércio, daquela cidade, com a recomendação expressa de que o mesmo fosse publicado no dia 15 daquele mês. O jornalista reservava, sempre, lugar de destaque para a colaboração do poeta, estampando-a de preferência aos domingos. Diante, porém, da recomendação, fêz inserir o poema enviado na edição de 15, sexta-feira*”. O jornalista ficou surpreendido, na manhã daquele dia, ao ver afixado, no placard do *Jornal do Comércio*, o seguinte telegrama:

“O álcool, a pobreza e a misantropia são denominadores comuns que identificam, aplainam e irmanam êsses três poetas de raças diferentes.”

- Acaba de falecer o poeta Alphonsus de Guimaraens. “*Ao lado, no quadro em que diariamente se expunha o jornal aos transeuntes, o número do dia 15 trazia na sua primeira página o poema de Alphonsus*”, intitulado “Perdão”.

*Perdoai, Senhor Deus, Senhor
Deus, o suicida,
Aquêle que perdeu a vida
Sem uma prece!
Perdoai todo o infeliz
Que deixou êste mundo
E se atufou no pélogo profundo
Do desespêro e da desesperança!
Cansou-se de viver e quem se cansa
De caminhar há de parar
No eterno pouso
Onde há repouso
E paz!
É o eterno silêncio do Aqui-jaz,
É a soturna guarida
Que nos espera além da Vida.
Rezem por alma do desgraçado
Que teve o fado
Tão triste de se matar!
Ai! talvez a sua Alma se transforme
Num duende enorme
Que nos venha tentar...*

“Por instinto
divinatório, talvez,
ou mesmo guiado,
na minha suspeita,
por estranhas fôrças
misteriosas, dirigi-me
à criança. É Alphonsus
de Guimaraens.
Meu pai.”

*Perdoai, Senhor Deus, o suicida,
que, deixando a vida,
foi descansar!*

Alphonsus Filho, em nota ao poema à *Obra Completa*, confirma a sua publicação no mesmo dia do falecimento do pai, informando que no necrológio deste, publicado no mesmo jornal, em 19 de julho de 1921, Heitor Guimarães comentou: “*Estranha coincidência: no mesmo número em que publicávamos a sua última poesia, morria o poeta*”. No entanto, esclareceu Alphonsus Filho, o último poema, “*Últimos versos*”, fora escrito na véspera, 14 de julho de 1921, data colocada no original pelo próprio autor, segundo seu irmão João Alphonsus.

“É Alphonsus de Guimaraens. Meu pai”.

Enrique de Resende diz que, “*ainda aturdido com tanta surpresa*”, deixou-se ficar com suas reminiscências: “*Evoquei Ouro Preto. Ali, em 1915, ainda menino, no início do meu curso de matemáticas e já inclinado para a mística de Alphonsus, conheci o inimitável poeta. Foi ao sopé da rua das Escadinhas. Um homem jazia, estirado, em plena rua. Ao lado, uma criança de 10 a 11 anos. Por instinto divinatório, talvez, ou mesmo guiado, na minha suspeita, por estranhas fôrças misteriosas, dirigi-me à criança. É Alphonsus de Guimaraens. Meu pai*”.

O biógrafo observa que a misantropia, o misticismo e as duras vicissitudes da vida, quando aliados ao alcoolismo,

constituem elementos decisivos na evolução dessas monomanias (refere-se a suicídio), sobretudo em se tratando de temperamentos hipersensíveis, como o dos verdadeiros artistas, “*como é o caso do solitário de Mariana*”. Mas acrescenta: “*Entretanto, não nos é lícito concluir, aí, por uma interrupção brusca da vida. Duas razões, pelo menos, impediriam Alphonsus de consumir tão doloroso intento: de um lado – a convicção religiosa: de outro – porque talvez lhe faltasse a necessária coragem para surpreender assim tão rudemente aqueles que o cercavam*”. No entanto, assinala que não se pode duvidar da “*obstinação do poeta em abreviar a vida: Alphonsus de Guimaraens caminhou lenta, mas deliberadamente para a morte*”.

Alinha, então, o desrespeito à proibição médica de não beber, e o fato de que em 1920 se voltara a falar na extinção dos juizados municipais, o que o abateu profundamente. “*Era aquele seu único meio de vida. Sentia-se velho (aos 49 anos) e sem ânimo para trilhar novas rotas. Ademais, apinhavam-se-lhe em torno 14 filhos menores*”. Amigos perguntaram se, extinto o cargo, continuaria em Mariana. “*Até lá já me acabei também, retrucou o poeta*”. Efetivamente, acrescentamos nós, o art. 1º da Lei nº 797, de 25 de setembro de 1920, dispôs que seriam suprimidos, “*á medida que vagarem, os cargos de juiz municipal nas sedes das comarcas*”.

A isso se somou a “*tremenda desgraça*” do falecimento, em 16 de maio de 1921, da caçula Constança, com um ano e dois meses. “*Alphonsus, profundamente abatido, entra em grandes e prolongados silêncios, acerca-se do copo ainda com maior apêgo, e, definhando dia a dia, faz que Mariana tema a cada instante a queda do seu ídolo*”.

No soneto XXX de *Pulvis*, diz o poeta:

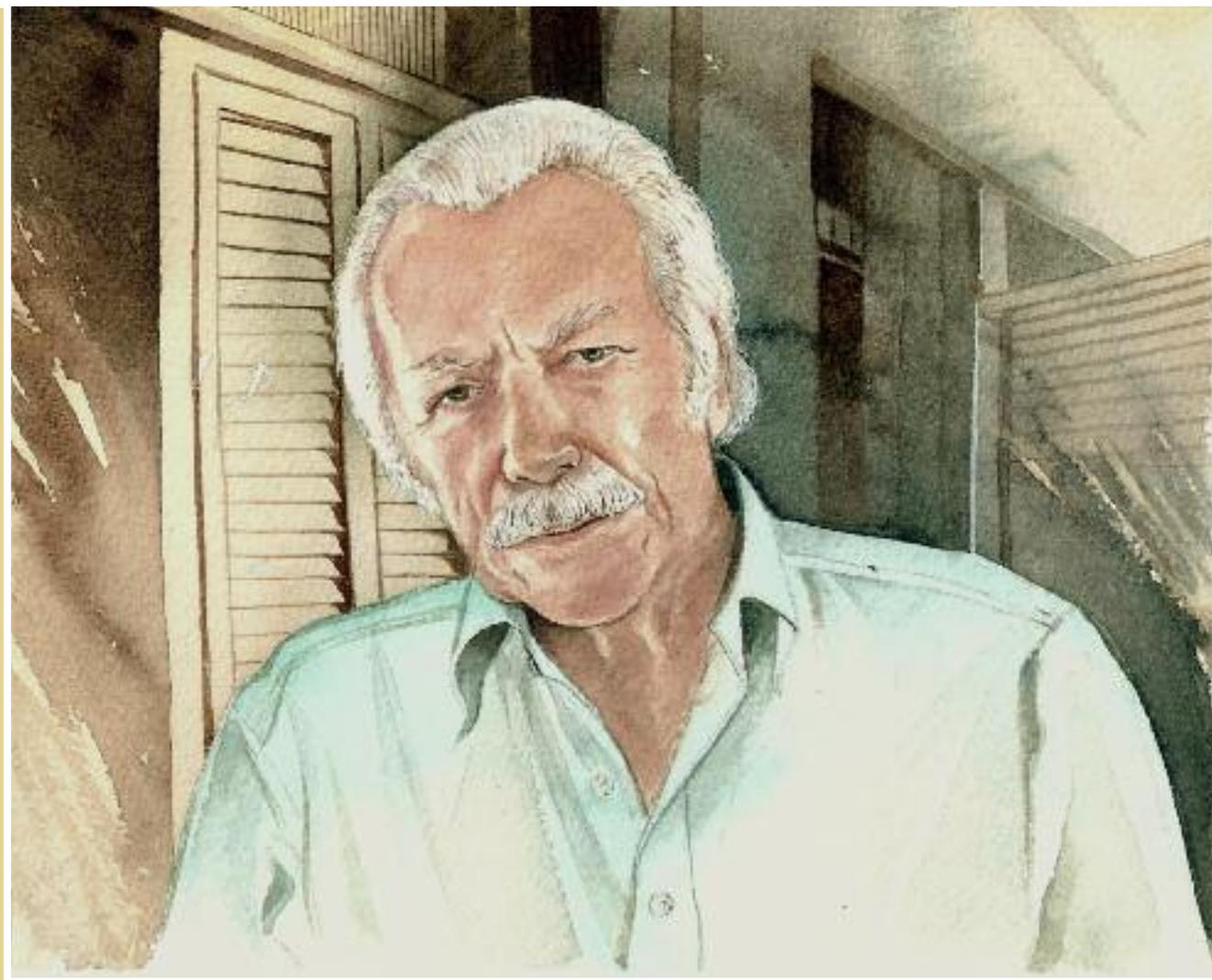
*Sempre vivi com a morte dentro da alma,
Sempre tateei nas trevas de um jazigo
A sombra que me envolve é eterna e calma
E sigo sem saber quem vai comigo.*

“A minh’alma é uma cruz enterrada no céu”

O falecimento teve grande repercussão no país. O poeta foi sepultado em 16 de julho, no cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Mariana. Em 24 de outubro de 1953, por iniciativa do então governador Juscelino Kubitschek, seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério Municipal de Mariana, anexo à Ermida de Sant’Ana, e se inaugurou o novo túmulo em 13 de dezembro de 1953, com a presença de autoridades, entre elas o próprio JK, que discursou de improviso, e ilustres escritores brasileiros, como Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa.

O orador oficial foi o poeta Augusto Frederico Schmidt, agradecendo, em nome da família, Nazareno Alphonsus, o terceiro filho intelectual do poeta. O discurso de Schmidt é considerado uma de suas mais belas páginas. Antes de falar, ele perguntou delicadamente a Alphonsus Filho se, estando ali a sua mãe, Zenaide, poderia ler a parte que, no discurso, destinara a Constança: “*Claro que respondi que sim, por conhecer bem aquela que foi tua companheira. E a presença da noiva morta pairou no cemitério de Sant’Ana enquanto que a noiva que se fizera a companheira inseparável escutava serenamente, na serenidade que foi o seu traço primeiro*”.

O poeta Afonso Henriques Neto, filho de Alphonsus Filho, em “*Momento da Poesia*”, artigo publicado na *Revista da*



Benito, um militante

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, Editor de MagisCultura

“**Q**uem andar pela Estrada Real ou atravessar uma vila do ouro, de agora em diante, não deixará de ouvir a voz de Barreto, como se fosse a do próprio Tiradentes, a cantar a paixão da liberdade.”

O vaticínio é do escritor e jornalista Angelo Oswaldo de Araújo Santos, prefeito de Ouro Preto e um dos grandes especialistas na arte colonial brasileira, no prefácio do último dos romances da tetralogia *Saga do caminho novo*, de Benito Barreto, em sua mais recente obra. Na série de quatro volumes, Benito reconstrói e narra, em versão romanceada, a epopeia da Inconfidência Mineira, com foco especial na vida das pessoas que a fizeram ou com ela conviveram: os sonhos, os desejos, os medos, os sofrimentos.

O ‘romance histórico’ pode ser entendido como o ponto culminante da obra desse mineiro nascido em Dores de Guanhães, a 17 de abril de 1929, “*infelizmente ainda não devidamente lido, conhecido, apreciado, reconhecido*”, como anota o ensaísta Deonísio da Silva. Doutor em Letras pela USP e também romancista, Deonísio qualifica Barreto como “*uma das referências solares da literatura no Brasil*”.

O relativamente pequeno conhecimento da obra de Benito Barreto pelos brasileiros pode ser parcialmente explicado pela sua própria postura de vida, que deu prioridade à militância política, no Partido Comunista Brasileiro, o que o fez viver por longo tempo na clandestinidade, à margem das academias e distante das rodas literárias.

Sua primeira ‘grande viagem’ ocorreu aos 4 ou 5 anos, “*metido dentro de um balaio de carga como contrapeso para minha irmã que, em idêntica situação, ia comigo sobre o mesmo burro, porém do outro lado da cangalha*”, em uma das aventuras a que o pai, o inconformado e irrequieto Ciro, submetia a ele e à família. Mais tarde, entre idas e vindas pelos sertões, ele chegaria a Conceição do Mato Dentro, cidade do início de sua adolescência.

Expulso do Internato em Conceição, aos 16 anos muda-se para Belo Horizonte, onde estuda no Ginásio Mineiro e sobrevive com dificuldade. Lê muito, “*principalmente Nietzsche*”. Seu primeiro contato com a então emergente teoria comunista se dá em uma discussão na pensão de Dona Lina, em que morava, com um alto dirigente do PCB. “*Perdi a discussão e pedi a ele que me emprestasse os livros que ele citava*”. Travou, então, contato com a literatura marxista básica e virou comunista, que ainda confessa ser, embora descrente quanto à possibilidade de o socialismo vingar no planeta: “*A ideia de socialismo contraria a natureza competitiva do ser humano. O socialismo só virá a contragosto do homem*.” Mas não perde totalmente a esperança: “*mas ele virá*”.

Convertido ao marxismo, vai trabalhar como revisor no jornal do partido, sem receber nada em troca, e inicia sua militância como quadro partidário. É enviado à Bahia, onde, depois de algum tempo, contrai grave doença pulmonar e retorna a Belo

Horizonte. Tempos difíceis, em que a militância entusiasmada e ativa é trocada por outra, mais burocrática, no partido. Para sobreviver, trabalha como revisor em jornais e faz outros ‘bicos’, como de fiscal de obras. Nesse mister, observando as dificuldades dos construtores em encontrar materiais, surge a ideia que lhe garantiria uma sobrevivência mais confortável e que mantém ainda hoje: a revista “*Informador das Construções*”.

Depois de jogar fora toda a poesia que havia escrito na juventude (“*Não valia nada*.”) inicia sua obra em prosa, sempre em estilo militante. “*A literatura talvez não tivesse existido na minha vida, se a militância política não tivesse sido interrompida pela doença. Faço nos livros o que gostaria de ter vivido*”, diz em entrevista.

Em 1962, publica seu primeiro livro, *Plataforma vazia*, pela Editora Itatiaia, e vence o Concurso de Literatura Cidade Belo Horizonte. Com esse livro, inaugura sua primeira tetralogia, *Os Guaianãs*, formada também por *Capela dos homens* (1968, dedicado a Che Guevara), *Mutirão para matar* (1974) e *Cafaia* (1975), em que narra a saga de uma guerrilha nos sertões da Bahia e de Minas Gerais nas décadas de 1960 e 1970.

Entre 1978 e 2000, publica mais três livros: *Vagagem* (1978), de memória das muitas viagens, *A última barricada* (1993), reunindo contos e artigos para jornais, e *Um caso de fidelidade* (2000), romance.

Retomou o vigor da literatura militante com a nova tetralogia *Saga do Caminho Novo*, em que romanceia a Inconfidência Mineira e é integrada por quatro livros: *Os idos de maio* (2009), *Bardos e viúvas* (2010), *Toque de silêncio em Vila Rica* (2011) e *Despojos: a festa da morte na Corte* (2012).

Com esse lançamento, voltou a ganhar algum destaque e espaço na mídia, mas Benito Barreto ainda se ressentia do distanciamento que a Universidade e a crítica mantêm em relação à sua obra, o que não tem impedido que os que têm acesso a ela cubram o autor de elogios, como o fez a poeta Stella Leonardos, presidente da Academia Carioca de Letras:

“*Quem te lê te louva.
A saga és tu mesmo,
Benito que louvas
a Minas antanha
caminho do novo.*”

Ao viajar pelas estradas de Minas, portanto, é bom ficar atento à voz de Benito Barreto, um militante da literatura e em favor da vida.

Nota:

Os livros de Benito Barreto podem ser adquiridos diretamente na Editora Casa de Minas (ecm@infconst.com.br) ou nas livrarias Cultura (www.livrariacultura.com.br), Quixote e Scriptorium (Belo Horizonte).

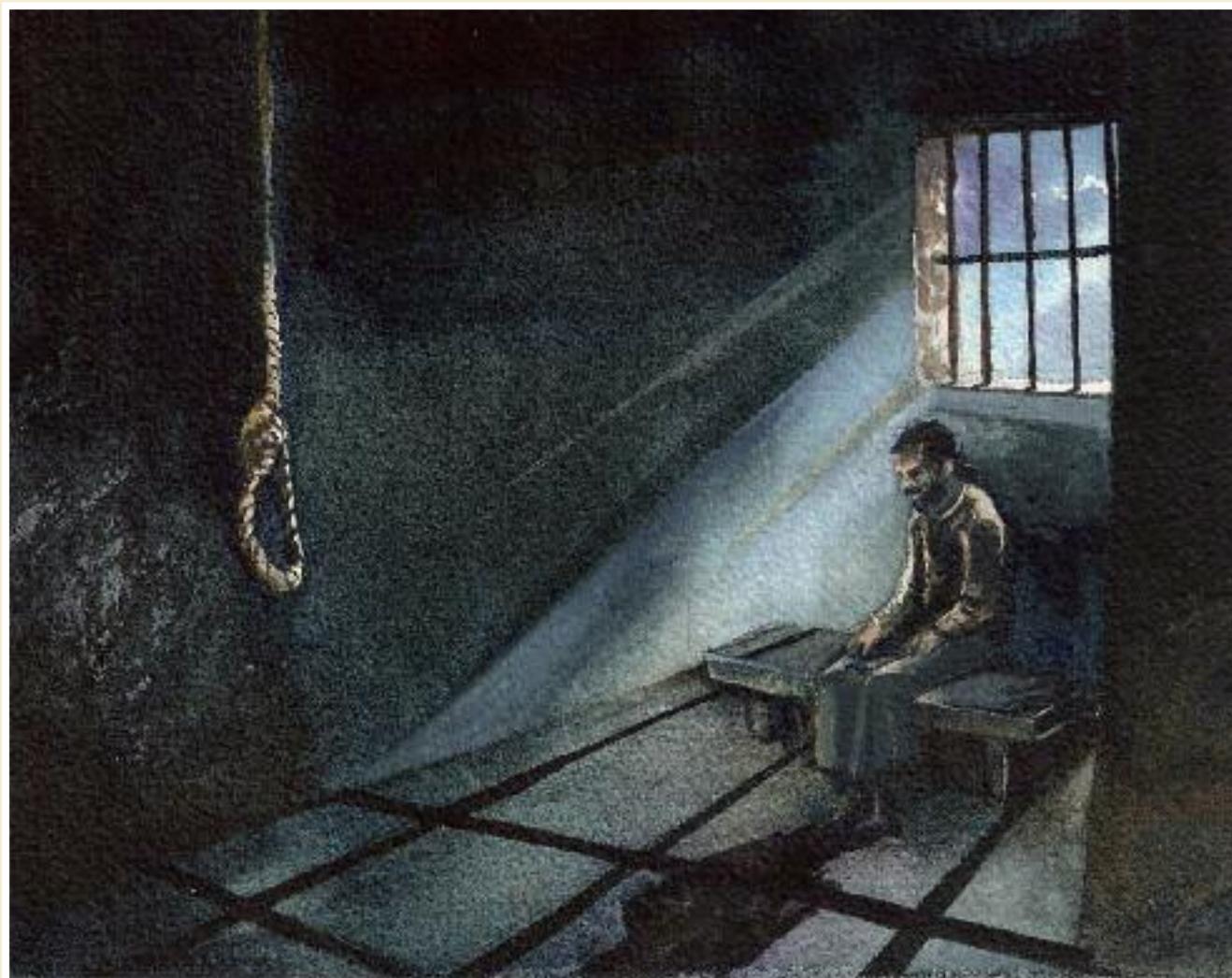
Minas tem caminhos que a gente nunca sabe onde nascem nem aonde vão eles desaguar

Benito Barreto

Sim, vai ser amanhã, e logo num domingo, – sábado ou domingo? – diz consigo e se pergunta o condenado, e como o Hermes acaba de o deixar, tendo-lhe trazido a refeição do dia, considera que está comendo o seu derradeiro almoço, porque, amanhã, a esta mesma hora, em cumprimento ao que manda a sentença, e o ritual da execução regulamenta, serei levado à forca e morto, para ser, por minha vez, comido e, talvez, até mesmo antes que apodreça, porque exposto aos pedaços pelo Caminho Novo, mais provável – lhe parece – é que o comam os abutres ainda fresco, eis que todo o tempo do traslado, nos surrões de couro, conservado em vinha de sal, poeira e muito sentimento; e estarão, por todo o dia, os sinos dos carrilhões dobrando à Coroa, por sua vitória sobre os mazombos

vis, das Minas; as trombetas e os clarins dos regimentos, passando, de quartel em quartel, o feito aos ventos, e, ao mar, de tudo dando conta, ribombando, os canhões das fortalezas e dos fortes.

Sua vontade é firme e tem por lógico o desfecho, que outro nem podia ser: tinha sido, sim, inteiramente sua a iniciativa da Conjuração e suas, por conseguinte, a responsabilidade e a culpa; pedira, por isso, à Alçada, aos gritos, que tomassem os juízes sua vida e com ela se bastassem, deixassem viver aos outros. Entretanto, ficar ali parado e atado pelo pescoço, os pés e as mãos, a esperar pela morte, não é nada simples, tanto mais porque não é uma situação na qual tivesse ele algum tipo de experiência ou que, em a não tendo, pudesse a terceiros recorrer: bem verdade que, na Fortaleza e mesmo aqui, na Cadeia Pública,



há, sim, luminares na matéria, pessoas de grande saber, e não falta quem já tenha matado, e quanto! o Guarda-mor Capitania, por exemplo, talvez nem tenha a conta de quantos já matou, o que, porém, não me ajuda nem resolve, porque a morte, no caso, a morte por assassinato, execução ou suicídio, ela tem dois lados – que são matar e morrer – e ele, e esses mestres, o que só conhecem e sabem, de experiência e prática, é do primeiro dos dois, – tirar a vida ao outro; do segundo, porém, que é perdê-la, ou seja: o que amanhã me toca, inda não sabem nada que me ajude ou ensine, ao que, uma vez, chegado, ele põe de lado o prato e fica a repetir, consigo, o que, como qualquer, sempre soube e, também, como qualquer, via de regra, esquece:... a morte é uma travessia, que se não faz nadando com os braços do outro, não tem como; nem tem como lá chegar, mesmo por terra, pelas mãos e os pés de ninguém, – é só mesmo com os próprios braços e os pés da gente...!

Um outro aspecto dela, sobretudo quando anunciada, como a sua, é esta solidão da pessoa, ela, cara a cara, este silêncio comigo... que eu nunca antes experimentei nem me vi tão só e de perto, por dentro e de frente comigo, como, hoje, estou vendo, esse reduto mais meu e pessoal, profundo, que o tem cada um de nós e que, talvez, só mesmo a morte desentoca e mostra ou dá a ver, nu e de corpo inteiro, trazido a desempenhar e a assistir, ao mesmo tempo, à cena do meu derradeiro alento... esse do qual ninguém que viveu ele, e morreu, nunca jamais voltou para falar de como é que se passa, ou para onde é que se passa... e o que é que lá, do lado de lá, me espera!

Não sabe o que seja isso, – é o medo, talvez, quem sabe?! essa coisa vaga e indefinida, mas, certamente, a seu ego mais recôndito e obscuro inerente e que, conquanto sem voz nem forma, existe, eis que lhe fala, de algum modo, e toma vulto, ocupando, do seu lado, um espaço dentro da cela...

Enfim, a hora, a tua hora, já te vai chegando, Tiradentes...

Verdade, sim, e ainda de manhã, ali no Largo da Lampadosa, donde, em seu patíbulo de 25 degraus, vai poder, talvez, morrer olhando o mar, que eu, mais a Perpétua, a gente amava, azul-verde, ver chegar e se espojar na praia, porque o mar nunca foi uma coisa assim tão nossa, como os nossos rios: é não; ainda se lembra de um dia dizer isso pra Perpétua, e ela com isso concordar, que ele, o mar, o que sempre mais parece é estar chegando ou acabado de chegar, vindo de longe, de algum lugar muito distante, razão desse jeito de cansado e bravo, a espumar, com raiva e esbaforido, que ele tem, o oceano! O mar e a montanha, a água, o ar... Engraçado como a gente... na correria da vida, via de regra, passa e não vê, não para nunca, para pôr a atenção em certas coisas que nem essas, essenciais, como o ar e a água, por exemplo, a delícia disso, que é beber e respirar,... isso, essa coisa de nada que é poder o cansado viajante, no que vadeia um rio ou ribeirão, beber e dar de beber a seu cavalo, jogar o chapéu pra trás, alimpar e enxugar da testa o suor, e se agachar ao pé duma fonte, como aquelas muitas que eu bebi, nas bicas de bambu nos barrancos, pelos caminhos de Minas, que, aliás, é muito o que com os rios se parecem...

Parecem sim:... porque eles são, também, de navegar, são rios que a gente não sabe onde nascem nem aonde vão desaguar, os caminhos: funduras e volteios, rebojos, sumidouros, e corredeiras de assustar; o caminhante, no que navega eles, acha porto, onde ficar, ilhas e afluentes, veredas e vertentes a perder de vista, e, até mesmo, aonde, ele próprio, ficar ou se perder, nessa navegação, que tanto pode ser de longo curso ou um passeio, ali, nesses caminhos-rios-quais, por onde andar, e andei a minha vida...

Gente! agora é a saudade que me engasga, o desterro, uma saudade que chega a doer, Minas Gerais! Tanta, que, mesmo pra morrer enforcado, quisera ele era morrer em casa, como lá-diz, dependurado duma galha, vendo passar ou indo eu com ele, por melhor dizer, o meu Rio das Mortes, que me viu nascer... Vontade, sim, muita vontade de pôr de novo os pés naquelas águas e naquele chão!. Mas, em matéria de dor, nem é morrer, talvez, o que mais dói, é a solidão, porque mais que quando só escutava o mar, naquela Ilha, e só o ouviam e viam as ratazanas e as baratas, está se sentindo mais só, e mais dolorosa a solidão, agora que só consegue ver de costas, ou pelas costas, a pátria e os companheiros por quem, só e esquecido, morre!

Sinceramente, preferia a isso qualquer coisa, até mesmo aquele olhar vermelho e voraz das ratazanas, afiando as presas, ao redor de mim, a esperar pelo meu sono!

Hoje, aliás, não vou dormir, quero pensar comigo, e só pra mim, os meus derradeiros... sonhos. Mas como, se nem vais dormir? E quando que eu precisei dormir para sonhar?! Bobagem, tolices...! Talvez devesse era falar umas palavras por despedida, do alto daquilo, a minha morte... tenho pensado nisso... – os meus porquês, esses meus doidos sonhos da gente fazer desta terra, juntos, um país e uma nação, livre e melhor pra todos, inclusivamente os lusos reinóis, nossos irmãos... mas dizer como, e a quem, tais coisas, no meio da festa da morte! quem achas que vai, aqui, querer me ouvir e escutar, Perpétua? Sabe, querida: o Padre Inácio prometeu me falar e dar notícia de ti, quando voltar a ver-me, o que é pura enganação, eu sei, porque lá na Ilha, em minha cova, eu te escutei e adivinhei partindo, a me acenar, de algum lugar, dizendo adeus; de mais a mais, quando ele cá voltar, eu já estarei contigo, e aos pedaços, por aí, o meu corpo, a apodrecer nos postes da infâmia, por escarmento: cá é que não vou estar, quando...

Entretanto, informe e, todavia, vulto, teima em ser e tomar forma aquele outro do seu lado, obstinado a lhe falar, com ar de quem reclama, de cobrança, o acusando de trapalhão e desastrado a ele, Tiradentes, por comprometer a própria vida e até mesmo o seu cenário, em perigosos jogos e empreendimentos vãos, postergando em sua vida as boas coisas, os naturais desejos e os anseios mais legítimos da humana condição...!

Como se eu também não as amasse, a essas boas coisas, logo eu que, tropeiro e amante, mascate e mesmo quando já alferes, comandante ou, simplesmente, viajante, o que eu perseguia eram os guizos do amor e da alegria; me alimentava da esperança no amanhã e da certeza da felicidade, confiado nos proveitos a advirem dos seus feitos e, muito certamente, dos seus naturais direitos, como homem bom e cidadão prestante...

“Mas, em matéria de dor, nem é morrer, talvez, o que mais dói, é a solidão.”

Os quais, porém, tudo trocasse por uns berros...

O quê!?

Isso mesmo, e te importa tão pouco tudo isso que a tudo entregas, toda essa bela vida, pela insensatez dessa bandeira que levantas, só tu, em todo o mundo...!

Afasta, então, com as mãos, conquanto presas, tais pensamentos, tal como a um visitante intruso o fizesse, e passa a configurar a Igreja, ao fundo; o anfiteatro triangular, emoldurado pelos Regimentos do Vice-rei, com seus estandartes e as armas; os vistosos elmos e os arreios da Cavalaria, todo o povo, clero e autoridades engalanados para assistirem ao grande espetáculo, que será sua morte, um espetáculo que, sozinho e... rigorosamente, às próprias custas, ele, a todos, amanhã, vai dar.

E teme e treme, súbito, com medo de fazer feio, de não desempenhar, a contento, a sua parte, o seu papel, sobretudo preocupado com esse seu outro eu oculto, que reponta nele, de repente, das suas profundezas, e que, algo turvo e confuso, ali do lado, o interpela e questiona, ameaçando até mesmo com invadir o palco e atropelar a cena,... empanando o espetáculo e a ele, o impedindo de se consagrar na força, como intérprete... – ironiza, contrafeito.

Hoje tem espetáculo?

– ... tem, sim, senhor...

Que espetáculo que é?

– ... a morte do traidor...

Em menino, desde quando vira passar por São João e São José del Rey um circo, sonhara vir um dia a ser artista, a trabalhar nas cordas: achava uma glória aquilo da pessoa atirar-se do trapézio, lidar com os bichos, fazer proezas num picadeiro... E aí está que, sem oportunidade para oferecer a seu povo uma bonita representação da vida, – que fora o seu sonho de artista, no arraial da infância, – vai agora o menino da Fazenda do Pombal viver na corda, e num estranho picadeiro, o espetáculo da morte! O que será peça que nem como farsa ele se lembra de ter visto se fazer ou interpretar, por nenhum daqueles ases do trapézio, nos circos e picadeiros que habitaram o mundo da sua infância e povoaram de fantasias sua vida! donde que o vai ter que encenar de pioneiro, no improviso da hora, sem aprendizado nem treino, visto a ninguém jamais ter visto nem sabido que, o havendo feito, deixasse de tal desempenho algum ensinamento a aproveitar, esse lance inédito e para arquibancadas cheias, que será isso de representar dependurado numa corda, pelo pescoço e com o Capitania nas costas, gangorrande dum lado para o outro do picadeiro, a minha própria morte... – diz consigo e tenta rir, buscando a escotilha e o mar que lá deixara, naquela Ilha.

Entretanto, nem com isso, depois disso, vão se dar por satisfeitos o Visconde e o Vice-rei, toda a Coroa e a Corte: vão achar que é pouco, acha possível, porque ao lusitano império não é na força que mais lhe agrada ministrar e assistir à morte dos seus infieis ou inimigos: entre outros, perde a corda para o fogo, por exemplo. Amam ver arder seus desafetos, os seus contrários... E não por desamor ao próximo, ao outro, mas, é possível, por amor à arte, à armação dantesca dos espetáculos de dor e morte, como nos autos de fé da Inquisição, com as chamas, devagar, pegando e alevantando-se da lenha, a estalar, subindo e lambendo, de baixo para cima, e ao de longe ainda, o desgraçado, que lá no alto, à sua cruz ou estaca preso, vai, à vista de todos, sucessivamente, por primeiro, defumar-se de eventuais gorduras e excrescências de pele e pelos; logo crestar-se e se purificar nas chamas para, afinal, ser visto e exposto a consumir-se pelas brasas, transformado em caldo e cinzas. Algo,

pois, sem pressa, ritual e, todavia, ou, por isso mesmo, um espetáculo, não só nem tanto pelo visual grandioso das línguas de fogo esfuziando-se no fumo, e toda a lenha se fazendo em brasas, mas, isso bem mais, talvez, pela progressão e a fruição do drama, como no suceder dos passos da tragédia grega, vendo-se queimar da vítima, por primeiro, os pés atados e as pernas que, debalde, se contorcem, tentando a fuga; os quadris, em seguida, e as partes, para, em meio a explosões de gases e de vísceras, ver-se-lhe, ao desgraçado, romper o bucho, o inflado peito, até que a peça atinge o ápice e se completa, pela redução, a uma borra viscosa e feia, do crânio, que alojara o cérebro maldito do infiel ou insubmisso súdito...

O velho Domingos dos Santos, seu pai, contava, benzendo-se, de espetáculos como esse que, a seu tempo de menino, a Igreja e a Fidalguia, ladeando o Rei, ofereciam ao povo, em Portugal. Os cardeais e os bispos vestiam-se, então, com pompa, vinham os nobres emproados, precedidos de pajens e escudeiros, com suas armas e os brasões, ruflavam os tambores, assopravam-se os clarins e, finalmente, a Rainha e o rei, dourados, resplendentes...

Segundo ele, a tais fogueiras da Inquisição não ficavam em desvantagem as matanças por marretamento, com igual frequência praticadas pelo Reino, uma e outra sendo mais do agrado das Cortes e dos Reis do que a morte pela força, tida esta por breve e pobre, como espetáculo... Porquanto a quebra e o amassamento, em vida, dos ossos e das carnes dos condenados, em praça pública, obedeciam, também, como os autos de fé, a todo um ritual próprio e complexo, por isso que demorado e, por igual, digno de ver-se: amarrados a estacas, ou a argolões no chão cravados, em geral, num aterro ou elevado, adrede preparado, ou a pranchões atados, de pé, às vezes, deitados, outras, os condenados eram, então, ainda em vida, marretados e moídos, em sua carne e nos seus ossos, a pancadas, mediante uma programação, também, sem pressa, de modo a que não só o desgraçado mais sofresse, demorasse o sofrimento, mas, e ainda, a que todos os convidados pudessem ver e assistir ao espetáculo e dele nada, portanto, se perdesse! Dava-se-lhe num

“Segundo ele,
a tais fogueiras
da Inquisição
não ficavam
em desvantagem
as matanças por
marretamento.”

“Lamenta, em todo caso, o muito que, dessa jornada breve, e tão pouca, gastou esperando por acontecer, quando, bem ao contrário, era preciso fazer acontecer!”

pé, e se lhe dava tempo para os berros; no outro pé, nas pernas, depois moíam-se, do desgraçado, um joelho, o outro, e continuando sempre o infeliz a urrar, passava o carrasco ao esfacelamento, gradual, das suas coxas, até o fêmur... onde, no entanto, por razões óbvias, se detinha: deixava a marreta do carrasco para depois, e preservados, intactos, o ventre e o peito dos réus, para golpear primeiro suas mãos e os braços, que lhes vão ser moídos, também, em progressão metódica e sem pressa, – os dedos e as mãos, antebraços, braços, até os ombros, aos quais em chegando, faz o algoz uma pausa e, como no tempo dos Cesares e dos Gladiadores, na Roma antiga, levanta os olhos para o Rei, ou para o seu preposto, a quem é dado decidir quanto a deixar-se esvaír até a morte o pedaço restante, do desgraçado, inda com vida, ou liquidá-lo com um golpe mortal de maça ou clava, na cabeça...!

... Coisas todas essas que, em matéria de espetáculo e duração, põem por terra, desqualificam o ato breve e de encenação feia que tem tudo para ser o enforcamento duma pessoa que nem eu, pobre e plebeu, desconhecido alferes, que, a mais de nada ser, não ser ninguém, ainda me tomam por demente... esse mimo que me pespegou o Gonzaga! sim, porque viera a saber de seus versos, aquela noite, na Sala do Oratório,... o que foi, pra mim, outra sentença, e, das duas, a pior, porque ser chamado de louco, um demente, por seus companheiros, lhe dói mais que saber-se condenado à morte pela Rainha, esta sim, sabidamente, uma louca, do que, no entanto, ninguém fala, finge-se não saber e fazem a ela versos, e a seus pés se jogam todos, como lá eu vi... naquela sala, à hora da sentença.

Em todo caso, vai ser jogo rápido, eu vou ser breve, e nem tem como não ser: barço no pescoço, o salto no vazio, empurrado, com o Capitania amontado nos meus ombros, gangorrandando e... terminava, assim, seu desempenho, morrendo em cena, em sua primeira e única representação pública, o artista que em menino ele sonhara ser...

Balança a cabeça, pesaroso, porque, afinal de contas, cá eu vim foi para ser e fazer, a trabalhar por todos, isso o serviço que eu queria e vim fazer...

Pensamentos e lembranças, assim, em atropelo, tomam sua cabeça e o coração: nomes, pessoas, coisas ficam lhe passando ante os olhos, como numa visitaçã ou desfile, todos e até mesmo as naturezas e objetos mortos parecendo lhe querer falar e perguntar por qualquer coisa que, todavia, não conseguem, não têm voz, não se articulam, não dizem nada.

De repente, porém, uma ideia, o caminho, exatamente o que tem a fazer por não perder mais tempo, nem perder-se, nesse atropelo de palavras e questões sem nexo, desperdiçadas: vai escrever alguma coisa, sobre tudo isso que viveu e vai morrer comigo, esse meu grande sonho... algo que rabisque e deixe de si, ainda que seja nestas paredes do cárcere, ou que ele leia, amanhã, quem sabe! antes de partir, e lamenta ser iletrado, não ter podido estudar, como o fizeram seus irmãos, contudo, porém, desiste, e não somente porque não tem com quê, nem como e onde escrever, mas porque esse desejo de comunicação é uma pulsão de vida, derradeira, que já não se sustenta nele, não faz mais sentido, já não vale a pena.

Lamenta, em todo caso, o muito que, dessa jornada breve, e tão pouca, gastou esperando por acontecer, quando, bem ao contrário, era preciso fazer acontecer! Ah, João Costa e Zé Basílio, minha Izidora, e vosmicê, Montanha, garimpeiros e bandidos, todos meus irmãos, meu povo, se hoje aí me apanho, com Vosmicês, ah, se me apanho em Minas! Mas está atado e já o barço avista, eis que assim tudo se acaba, para quem vivera em disparada, disparado a ponto de não parar pra ver. Para ver melhor com quem andava, por exemplo, e para melhor pensar, por causa que pensar é preciso, até mais que navegar, no mar da vida... chega às grades com vontade de rugir, dizê-lo aos gritos... que amanhã tem espetáculo, todos lá fossem a ver, especialmente, todos vós, colegas meus e meus irmãos do corredor: amanhã dou espetáculo, eu vou estar em cena e vos convido a ver... na corda um patriota, enfrentando a tirania, a morte feia; o ator é aprendiz, não presta não, mas o algoz promete... venham ver!

O que, porém, por renegado, ele não faz, não os convida a ver nem grita, contudo, ainda assim, provavelmente, o escutem em suas celas, pelo corredor, os bardos de Minas, vagos companheiros seus, outrora... e pensem, talvez, consigo, sem, no entanto, o confessar, que esse que vai morrer leva na pele a cor local, que a seus versos recusaram, a alma e a chama daquele épico que ensaiaram, certa feita, e a fazer-se a três, de proibidos e animados versos carbonários que, talvez, por isso, o não fizeram ou o fizeram e renegaram, não assumiram, o esqueceram, e, em que, no entanto, inexistente, embora, se contém, e há que garimpar ou adivinhar-se, o melhor, mais belo e o mais grande, na poesia que deixam nos Anais de Minas...!

Capítulo do romance “Despojos: a festa da morte na Corte”, quarto volume da tetralogia “Saga do Caminho Novo”.



“*Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris*” ou O torturador que se diz arrependido

Para Felipe Santa Cruz

Llewellyn Davies A. Medina

Juiz de Direito da 13ª Vara Cível de Belo Horizonte

Há em mim uma busca esperançosa
de quem sou
pois sei que sou
mas é preciso que eu saiba que sou.

Minha busca passa por aquele Brasil
em que poucos tão poucos
lutaram e lutaram
sem saber que lutavam contra moinhos de ventos
uma legião deles
mas que feriam
e feriam
e matavam
como se matam os sonhos
que aqueles que vieram antes de mim
sonharam.

E o sonho deles em meu sonho se tornou
mas eu já sabia
que moinhos de ventos
não são moinhos de ventos
mas máquinas de moer sonhos...

Daí que os procurei
pois se queria descobrir
quem sou
queria dizer
que moinhos de ventos não moinhos de ventos
e assim ligar o meu
ao destino daqueles poucos
que queriam tornar a visão do horizonte
numa visão diáfana e perene
em que leite e mel parecessem bens
que a todos fossem partilhados
como aqueles que lutavam
e lutavam
sonhavam que fossem partilhados
e compartilhados.

Mas aquela era uma terra
em que moinhos de ventos
eram máquinas de moer gente
triturar gente
tornar gente não-gente

tornar gente sequer semente.

Fui gerado dessa gente
e esse desejo pungente
de desvendar o mistério de mim
me leva a essa incessante busca
que não é somente minha
pois somos frutos
muitos e relutantes frutos
que não aceitam o esquecimento
pois esquecer é negar
e negar é dizer que não sou
(e eu sei que sou).

Aqueles que sonharam
não deixaram de ser
e se seus espíritos embalam meus sonhos
também afligem a alma dos moinhos de ventos
pois a procura que procuro
parece ser o que tentam esquecer
meus anelos
e
seus pesadelos
terçam uma outra contenda...

O campo dessa luta que me enche de esperança
é o campo em que as almas dos moinhos de ventos
tombam sob o peso do medo
(não do arrependimento)
pois não somente temem Hades
como suspeitam
que há muita luta para lutar
pois o ciclo é longo e contínuo
do pó ao pó
do vir a ser ao não-ser
daqueles que fizeram ser
aos que hão de ser de mim.

Anseio

José João Calanzani

juiz de Direito, aposentado

Eu quisera que você não me dissesse
que aquilo que senti foi ilusão
e que agora o meu corpo, que padece,
padesse puramente por paixão.

Eu quisera que a voz do seu sorriso
me chamasse para viver no seu regaço
e que logo transformasse em paraíso
o instante que eu vivi no seu abraço

Eu quisera que o seu corpo de rainha
governasse meu caminho e, bem terno,
sem tirar a ilusão da vida minha.

Eu quisera que o perfume que emana
de seu corpo perfumasse meu inferno.
Eu quisera que dissesse que me ama.



Mulher de face urbana

Aldina de Carvalho Soares
Juíza de Direito em Santa Luzia

Quisera ser Adélia
A que escreve coisas de mulher
do cotidiano e do interior
Mas sou somente Aldina

Urbana, sem fogão a lenha
Nem mesmo sei temperar
Da minha vida, os amores
Sou assim,
Meio dividida
Entre a cidade e meu querer
O engarrafamento sem romance,
O livro, o texto, a lei.

Sou mulher de face urbana
Nada sei de truques caseiros
Doce, não sei fazer
O que fica de amargo é a sobra
Do almoço comido às pressas.

Ah como quisera ser assim,
Mulher de palavra fácil e comovente
Escritora de pena e caderno
Mulher sem pressa no tempo
Crente no homem e na vida.

Mas sou só eu, assim,
Mulher sem enfeite ou quitanda
Sem cheiro de mato,
Sou só essa mulher revestida de estudo
Que a noite se cobre
de outra face
e se põe lânguida
à espera do seu abraço.



Dos Gerais para as Minas

Evandro Cangussu Melo

Juiz de Direito

[Impressões sertanejas livres do montesclarenses que fez o caminho entre as terras de Salinas, no norte e, João Monlevade, na região central, portal do quadrilátero ferrífero, todas das Minas Gerais, onde o autor exerceu / exerce a magistratura]

Inquietante dureza revela a transformação.
Sai calor de verdade, entra calor de ocasião.
Do horizonte quase retilíneo veem-se agora apenas altos e baixos sem fim...

Sai largueza a perder de vista e vem agora o estreito e interminável trilho dos caminhos sinuosos...
Do calor que incomoda... vem agora o frio que acomoda...

Sai Rosa dos grandes sertões e entra Drummond e a pedra no meio do caminho da vizinha Itabira que espia por entre montanhas coladas.
Se viver é perigoso lá, aqui ou 'acá', não é diferente.

Sal e doce das 'calientes' canas salinenses é o perfume incrustado na alma que fica.
Sal e doce também aqui ocorrem no amarelo ouro da canjiquinha local e no brilho intenso do forno que aquece a rocha monlevadense derretida e temperada na morna reflexão do lusco-fusco.

O calor que lá forja a resistência sertaneja é aqui o mesmo que esquenta a rocha, cujo tempo, sempre o tempo, toma o cuidado paciente de esfriar para fundir o duro e frio aço, sustento de tudo e motoperpétuo regional.

O espaço amplo de tirar o fôlego agora dá lugar ao disputado e restrito pedaço livre das íngremes e belas encostas.
Saem retas e mais retas, sobe e desce até que, suave, horizonte sem fim; vêm curvas e mais curvas, sobe e desce de uma verdade estonteante, também de cortar o fôlego.

Goiabada e queijo, dizem ser a perfeita combinação da mineiridade, que o diga o Serro, portal da belíssima transição das minas para os gerais ou dos gerais para as minas, tudo é questão de direção e vocação. É tudo uma questão de 'opiniões', como diria Guimarães.

Não há só minas e só gerais, a verdade, a unidade, a mentalidade e a dualidade é o paradoxo de uma nota só: tudo é Minas Gerais, sejamos das minas ou dos gerais, ainda que nunca vivamos nem lá nem 'acá'.



Verso e reverso, beleza e dureza, reta e plano, alto e baixo, sobe e desce, vale e baixada, cômodo e incômodo, chapada e montanha, todas faces da mesma moeda incindível e cunhada anos após anos. Todos são mineiros e também geraizeiros, porque não?

Diferente e igual, Minas são os gerais, mas Minas são as minas também.

Solo e subsolo, calor que incomoda e acomoda, tudo é Minas Gerais também.

O menino

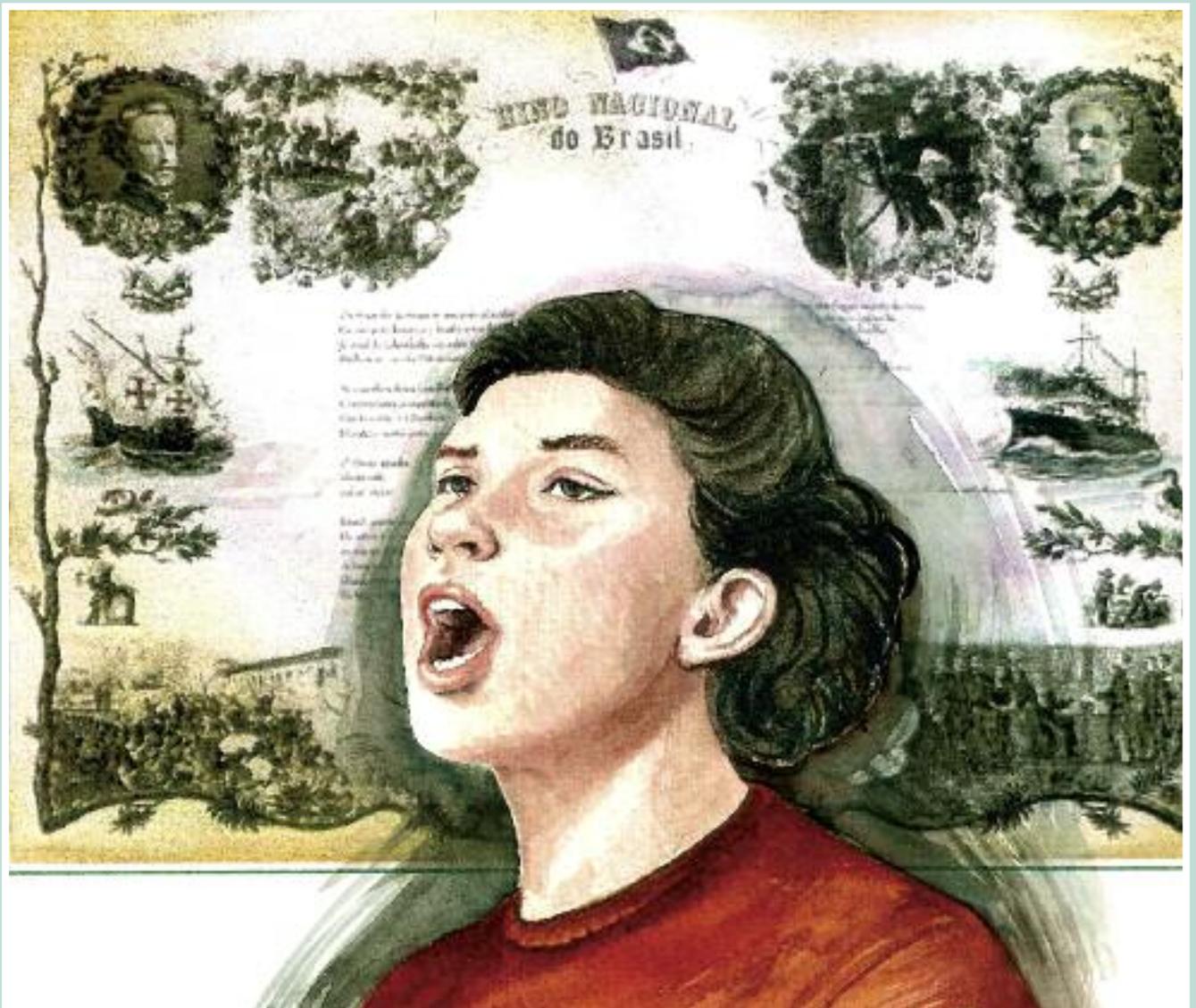
Glayco Firpe

Juiz de Direito, aposentado

Estou a procurar informações sobre um menino
que se sumiu sem que eu soubesse como.
Esteve a tarde inteira a traquinar,
subiu na laranjeira à caça de pardais,
esteve ao vento a empinar arraia
e riu de um riso bom como se houvesse causa.
Onde foi que esconderam meu menino?

Recordo ainda, tinha os pés descalços,
saltava o muro do quintal vizinho,
lançava pedras no telhado em frente.
Onde ele está? O quero novamente
assim como o deixei com os outros a brincar.
Caso contrário arranjem-me outro espelho
Pois não sou eu este que nele eu vejo!





Do hino nacional

João Quintino Silva

Desembargador do TJMG, aposentado

A gostinho Dias Nunes de Almeida, do Rio de Janeiro, entre outros historiadores, garante que o Hino Nacional Brasileiro, inicialmente intitulado *Marcha Triunfal*, resultou composto em 1822 pelo Mestre da Capela Imperial Francisco Manuel da Silva, o “músico das notas imortais”, como o chamava Escragnole Dória, em homenagem à proclamação de nossa independência política. Pesquisadores menos avisados apontam a data de 7 de abril de 1831, correspondente à abdicação de D. Pedro I.

De admirável beleza plástica e ritmo aguerrido, as bandas militares executavam-no em eventos históricos e cívicos.

Ovídio Saraiva de Carvalho adaptou-lhe às pressas, inoficiosamente, uma letra com a qual foi cantado publicamente, pela primeira vez, em 13 de abril de 1831, seis dias após D. Pedro I haver abdicado do trono, exatamente quando os navios que o repatriavam, com a família imperial, levantavam ferros no porto do Rio de Janeiro.

O povo tomou gosto pela peça. Incapaz, porém, de memorizar corretamente letra e música, cantava-a de modo adulterado e impreciso.

A República recém-proclamada ainda carecia de um hino de caráter oficial. O Governo abriu, então, ainda em 1889, um Concurso Público para o devido provimento. A este venceu a composição de Leopoldo Miguez, em parceria com o letrista Medeiros Albuquerque. Inobstante, a música de Francisco Manuel havia caído nas graças dos brasileiros, mesmo porque mais melodiosa e evocativa, mais afeiçãoada às circunstâncias de nossa nascente história. Em razão disso, o Poder Público alvitrou desprezar o resultado do concurso e submeter-se à preferência do povo, oficializando o Hino de Francisco Manuel da Silva, através do Decreto 171, de 20 de janeiro de 1890.

Várias e diversificadas eram as letras que a população jungia ao hino, a maioria evocando aspectos históricos inerentes à Monarquia – algumas de discutível qualidade artística.

Incumbiu-se uma Comissão do Governo resolver a respeito. Esta elegeu o poema que o vate e historiador Osório Duque Estrada, filho de Vassouras, do Estado do Rio de Janeiro, havia composto em outubro de 1909 que, a par de mais harmonizada com o ritmo da música, retratava com fidelidade o espírito republicano e o sentimento de brasilidade. Ainda assim, o texto de Osório Duque Estrada só veio a incorporar-se oficialmente ao hino nacional em 6 de setembro de 1922 – véspera da Festa de 1º Centenário da Independência – quando editado o decreto 15.671.

Curiosamente, conforme versão do dr. Jorge Lasmar, advogado e atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, a letra de Osório fora composta na cidade mineira de Cataguazes e apresentada durante cerimônia da Loja Maçônica local sob título de Hino Sete de Abril, referência ao aniversário da Abdicação de D. Pedro I.

O art. 6º e § da Lei 5.443, de 28-5-1968, sancionada pelo Governo Militar Costa e Silva, estabeleceu duas regras para a execução do hino nacional:

- a) a integração da marcha batida, do maestro Antão Fernandes, às instrumentações de Orquestra e Banda;
- b) adoção do ajuste vocal em fá maior elaborado pelo maestro Alberto Nepomuceno.

O art. 18, incisos I e II da Lei supra, impõe obediência ao andamento metronômico de uma semínima igual a 120, em qualquer oportunidade de execução, e o respeito à tonalidade de si bemol nos casos de execução instrumental simples.

O art. 39 (norma tornada em branco pelo desuso) dispõe que: “Ninguém poderá ser admitido ao serviço público sem que demonstre conhecimento do hino nacional”. Ora, os chefes de nossos mais altos escalões são servidores públicos. Entretanto...

Constrange nossos brios de nacionalidade a percepção de que o adveniente texto poético de Osório Duque Estrada, em certos momentos é mais curto do que o texto melódico, muito antecipadamente concebido por Francisco Manuel.

A necessidade de encaixar a letra no limite temporal imposto pela melodia obriga o vocalista a um avanço ou deslocamento da tonicidade natural da última palavra de alguns versos, fenômeno esse que lembra uma diástole. A prática, de tolerância histórica em relação ao hino pátrio, transforma uma sílaba átona em tônica e, de efeito, um termo paroxítono em oxítono. Ocorre nas palavras: retumbante – instante – igualdade – grandeza – garrida – clava forte – morte, que são pronunciadas na sílaba final com ênfase própria das oxítonas.

A isso, os gramáticos denominam ‘erro de prosódia’, da categoria de acentuação viciosa ou silabada.

No magistério de Rocha Lima (*Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, pág. 25), “O erro prosódico deforma a configuração normal dos vocabulários, o que faz cair pesada sanção social sobre quem o comete”.

Todavia, a estratégia convém ao que dominamos de licença poética.

Conforme se prestigiu alhures, “O poeta é um privilegiado. Quando faz seus versos, suprime, acrescenta, junta, inverte, obriga a ler de outra forma, enfim, faz mil e uma piraetas com as palavras, para que os versos tenham medida certa”.

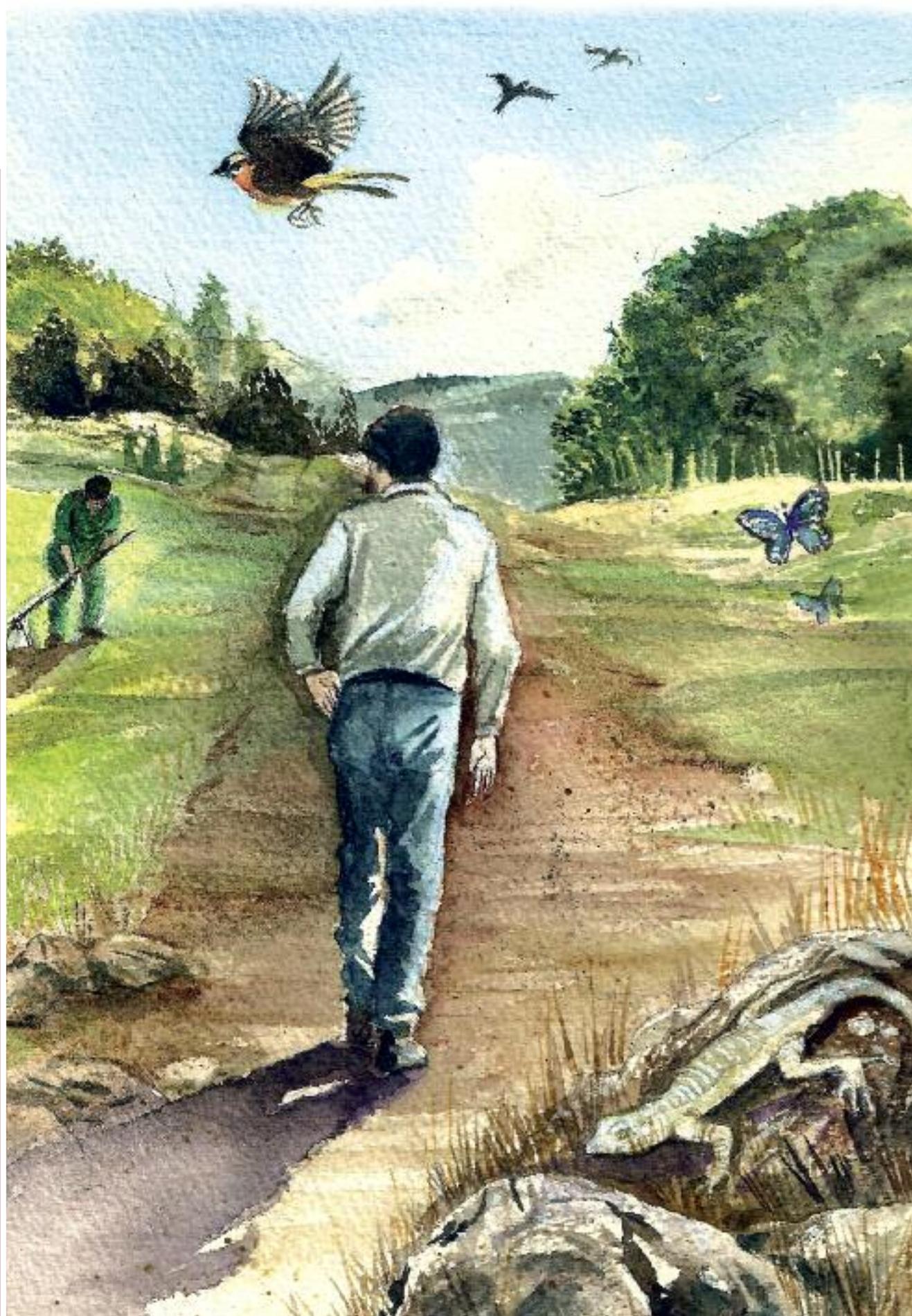
Olavo Bilac e Guimarães Passos, coautores da obra *Tratado de Versificação*, pág. 44, adeptos do parnasianismo, que propugna pela pureza da linguagem, advertem que “Os melhores metrificadores são os que menos tomam tais licenças”.

O que vale é recomendar parcimônia no uso da licença poética, para que a liberdade de criação permaneça nos estreitos limites de garantia da expressão belo.

Finalmente, ilustrativo anotar que a composição cívica de Leopoldo Miguez, com letra de Medeiros Albuquerque, ficou, por ato do Governo, destinada a servir de Hino da Proclamação da República.

Outras obras Consultadas:

- *Elementos de Canto Orfeônico*, de Iolanda de Quadros Arruda (págs. 196-199 e 207; 158 a 160)
- Lei 5.443, de 23-05-1968
- Decreto 171, de 20-01-1890
- Decreto 15.671, de 06-09-1922
- *Os mestres da Música*, de Alberto Montalvão (págs. 59-60)
- Discurso de Dr. Jorge Lasmar, em saudação ao Dr. Antônio Pedro Nolasco, no IHGMG, no ano de 2007
- *Aulas de Canto Orfeônico*, de Judith Morisson Almeida (págs. 63 e 89)



Jejum do possível

José Fernandes Filho

Desembargador do TjMG, aposentado

Deitei-me ontem, quarta-feira, à meia noite, após o jantar de despedida do Robério, setenta anos. Indicado, falei pelos presentes, entre eles o Santini, de Mato Grosso do Sul. Levantei-me às cinco, ainda escuro. Orei, sem dizer palavra. Oração silenciosa, murmurante. Só pensamento; ágil, voador. Não é ele o viajor do longe, que atravessa mares e rasga firmamentos? Estou no Hotel, e também lá? Estarão a me ver, carne e osso, ou só eu me vejo, fantasia de velho? Para dormir não precisei do Rivotril, usado nas noites anteriores. De manhã, pretendi jejuar, sentir fome, que tantos experimentam, jejuantes da vida. No restaurante, colega amigo, tomando café, convidou-me para sua mesa. Jejum frustrado: poderiam atribuir-me alguma demência, estranho e esquisito humano, a arrotar originalidade. Desisti, pelo menos do jejum matinal. Chegaram outros colegas, a cantilena de sempre: ícone, patriarca, líder, exemplo. Tudo a constranger-me. Civilizado, a todos agradei, fiador de sinceridades.

Após o café, resolvi caminhar. Evitei a pista de cooper, de músculos vigorosos. Preferi a trilha pouco utilizada, discreta, quase abandonada, dos pássaros, insetos, borboletas, pequenas lagartixas. Sabiás, sanhaço, bem-te-vis, muitos. Andava devagar, sem pressa; a tudo observava. De macacão verde, operários trabalhando. Cortavam grama, varriam folhas secas, regavam jardins vários. Especial, sozinho, um fazia mais: trabalhava e cantava, a despeito do salário, provavelmente mínimo. Lembrei-me de Ernesto Sábato e de sua surpreendente conclusão no “Antes do fim”. Ao referir-se às flores minúsculas; aos pássaros, que, com seus cantos, lhe levantavam o ânimo, ao amanhecer; ao pobre herói anônimo, salvador de crianças, morto na favela incendiada. Corajoso, sentenciou: é uma prova do Absoluto. Antes, no mesmo parágrafo, lamentara: modestíssimas as mensagens que a Divindade nos dá de sua existência. Presença do Absoluto, ou da estranha senhora, cuja visita ele já divisava? Durante a caminhada, não notei a presença daquela senhora. Também não o vi, toquei ou percebi. O Absoluto continua oculto, distante, fugidio. Mudo, surdo, permitiu, tolerante: senti paz; mansa, acariciadora.

Tantas vezes me enredei neste cipoal, à procura de um sinal, pequeno que fosse! Negado a outros, santos, por que seria revelado a mim, pecador? Obstinação de velho, finito a querer o Infinito?

Às compras foram os colegas, arrastados pela compulsão; impulso raro em mim, desmotivado consumidor. Permaneci no apartamento, no silêncio possível, interrompido por escavadeira, a recolher entulho. Faz-me bem este meio-silêncio. Melhor seria o silêncio-inteiro, das madrugadas-manhãs. Revejo minha doce Mayre, meu filho, d. Alice, doente terminal, a chamar-me, generosa, de João de Deus. Lembro-me dos meus confidentes, de seus filhos, também meus; dos seus problemas, igualmente meus. Recorrente, a casa da Pampulha me convoca. Do Pedro

“Vou colocando tudo no papel, registro dos sentimentos. Tarefa de desocupado, feliz com o meio-silêncio.”

me recordo, a recender santidade. Vou colocando tudo no papel, registro dos sentimentos. Tarefa de desocupado, feliz com o meio-silêncio; aliviado por não ter ido às compras. Busco outros shoppings, de pessoas, mudas ou loquazes; de lugares, santos ou profanos; do passado, alegre ou triste; de lembranças, próximas ou remotas.

Cerimônia de abertura do Encontro realizada no Tribunal de Justiça, justifiquei-me à Presidente, escapando ao jantar por ela oferecido. O alimento diário, que dizem indispensável, não chega a fazer-me falta. O jejunzinho de hoje, saudável, desejado combate às toxinas. A partir do terceiro dia, aí sim, o corpo está mais leve, quase flutuante. Em alguns momentos, sente-se fome, companheira diária de multidões, sem rosto e horizonte. Pena não poder jejuar com mais frequência. Vigiam-me, preocupados.

Ao passar o rascunho a limpo – alívio ao Adriano, guardião de segredos – assusto-me com a hora, vinte e três. Alegria de criança, descubro que o café da manhã, desejo dos colegas mais jovens, não quebrou o encanto do frugal jejum.

Proveitoso, este primeiro dia em Salvador. Escrevi, descansei, vi borboletas, lagartixas, pássaros. Pude ouvir-lhes o canto, deles e do operário, talvez com fome, à regrada, perdão, sagrada marmitta. Renovação da eucaristia?

(Salvador, Bahia, 12 de maio de 2011.)



Nelson Freire

O pianista prodígio de Minas

Daniel César Botto Collaço
Juiz de Direito em Uberaba

Uma gota leve de suor escorre pela lateral esquerda de meu rosto, mesmo sendo um início de noite de inverno atípica, onde as místicas estrelas cadentes, do límpido céu noturno riscam o universo. A emoção tomava conta de meu ser naquele instante sublime. Um doce aroma almiscarado se espalhava no ar do magistral teatro de São João del-Rey, em Minas Gerais, onde estávamos acompanhados da agradável família Jardim.

Não podíamos conter a ansiedade. O silêncio total começava a ser envolvido pelos leves ruídos das respirações ofegantes dos integrantes da seleta plateia.

E eis que surge o momento mágico. As luzes se apagam e um holofote concentra o seu foco em um espírito encarnado, o qual desfila, pé ante pé, uma trajetória reta, até sentar-se diante de seu piano, naquele histórico sábado, 30 de junho de 2012.

Muitos ainda não acreditavam no que viam, estando com os seus olhos estatelados e seus braços paralisados, não sabendo se aplaudiam ou se admiravam o gênio e mestre mineiro, mas tinham a certeza de que ele estava lá e não se tratava de nenhum truque de ilusionismo.

No silêncio absoluto, a “Sonata em Lá Maior K. 331”, de Mozart, abriu o espetáculo, sem deixar de fazer referência à parte da “Marcha Turca”, trecho executado por Nelson Freire no mesmo teatro em 1950, para fascínio da plateia. Foi uma forma de o artista transpor o tempo, como se dominasse a máquina cronológica. Foi uma abertura resplandecente, que se desen-

“Muitos ainda não acreditavam no que viam, (...) não sabendo se aplaudiam ou se admiravam o gênio e mestre mineiro.”

cilhou do repertório inicial com uma interpretação de “Sonata ao Luar, Op. 27, nº 2”, de Beethoven. Impressionante!

Pelo sentimento condoído que o músico emprestou às notas, foi aplaudido entusiasmadamente pelo público presente.

Irrepreensivelmente apresentou “Prelúdio das Bachianas Brasileiras nº 4” e “Alma Brasileira”, de Villa-Lobos, com suas versões próprias, além de “A Fada e o Rouxinol”, da ópera “Goyescas”, de Enrique Granados, e de “Barcarola nº 60” e “Scherzo nº 4 em Mi Maior”, de Chopin, pelo qual a expertise de Nelson Freire é reconhecida no mundo inteiro, em reconhecimento unânime dos grandes mestres.

Não acreditávamos no que estávamos vendo e ouvindo, até que o gênio encerra a sua jornada, se levanta e começa a agradecer. Os aplausos eram efusivos, por mais infintos minutos, seguidos de pedidos de bis, bravo, gênio... até que Nelson Freire volte a brindar a todos com trechos do russo Anton Bruckner e, mais uma vez, Villa-Lobos, momentos esses em que toda a plateia tinha seus olhos marejados por lágrimas de êxtase, gozo de espírito, acalanto da alma.

Gênio precoce

Nascido em Boa Esperança, Minas Gerais, em 18 de outubro de 1944, Nelson Freire começa a tocar piano aos três anos de idade e faz seu primeiro concerto público aos cinco, no teatro municipal de São João Del-Rey.

Aos 12 anos de idade, após participar de um concurso no Rio de Janeiro, recebe do governo brasileiro uma bolsa para estudar música na Áustria. Foi o início de sua profissionalização.

A sua consagração vem em 1959, ano em que completa 15 anos de idade e faz a sua primeira turnê internacional, passando por Europa, América, Ásia e Oriente Médio.

Em 1999, em Varsóvia, na Polônia, Nelson Freire realiza um triunfo genuíno com sua interpretação do Concerto para Piano e Orquestra nº 2, de Chopin, marcando os 150 anos de aniversário da morte do compositor Frédéric Chopin (1810-1849). Em dezembro de 2001, preside o júri do Concurso de Piano Marguerite Long, em Paris, e em 2010 grava o seu disco “Chopin: The Nocturnes”, o qual vendeu mais de 40 mil cópias, só no Brasil.

Assim, as pessoas iam saindo do teatro naquela noite, meio angustiadas, pelo fim da reapresentação do espetáculo que esperaram por mais de 50 anos, muito eufóricas pela grandiosidade do evento.

Aquela noite não poderia terminar ali. Então resolvemos caminhar noite adentro até ao lado da Paróquia São Francisco de

“Mas que coisa espantosa a sensibilidade de seus familiares em perceber a vocação do filho prodígio a tempo e encaminhá-lo para o seu devido local, onde poderia alçar voo mais alto possível e inimaginável no mundo das artes.”

Assis, em direção à rua Aureliano Mourão, onde degustaríamos um bom vinho do Porto, enquanto lembrávamos que a primeira vez que Nelson Freire se apresentou no teatro de São João del-Rey, mal conseguia encostar a ponta dos pés nos pedais do piano – o qual ainda se encontra guardado no teatro –, pois, naquela época, 30 de maio de 1950, tinha apenas 5 anos de idade.

Achei por demais interessantes os detalhes da vida do mineiro Nelson Freire e me perguntava como uma criança de três anos, na pequena cidade de Boa Esperança, já tocava Wagner, Liszt, Mozart e até uns boleros, como menciona o próprio Nelson Freire e contam todos os seus conterrâneos e contemporâneos? São os mistérios da alma, meu caro, sentencia Heliadora. Bárbara...! Concordo. Mas que coisa espantosa a sensibilidade de seus familiares em perceber a vocação do filho prodígio a tempo e encaminhá-lo para o seu devido local, onde poderia alçar voo mais alto possível e inimaginável no mundo das artes.

Solidão criativa

Quando Nelson Freire se apresentou pela primeira vez em São João del-Rey, foi por uma causa nobre: uma criança prodígio participando de um evento para arrecadar fundos para a Santa Casa de Misericórdia da cidade. E toda essa bondade foi retribuída ao menino prodígio de Boa Esperança.

Os irmãos Aline e Agbar Campos, à época com 9 e 11 anos de idade, respectivamente, dizem ao jornalista Rodrigo Levino *“que nunca esqueceram o acontecimento. Eu me sentia humilhado, pequeno, diante daquele geniozinho”*, conta Agbar, que em 1950 já estudava piano e foi levado ao concerto pelos pais. *“Aline diz que o prodígio foi assunto na escola e em casa por dias e dias.”... “Quem viu e ouviu não se cansava de falar. Quem não viu se aferrava a relatos que corriam a rua sobre o menino que era gênio tocando piano”*.

“O que faz o artista trabalhar é o incômodo. É como a ostra, que, durante anos, é incomodada por uma pedrinha, e dela faz uma maravilhosa pérola.”

Felizmente, o material de pesquisa sobre a vida de Nelson Freire é vasto, sendo que o documentário gravado em 2003 por João Moreira Salles, que dirige filme sobre a vida do gênio mineiro é um lapidar exemplo de sua magnitude.

E, assim, as horas se passavam, a angústia do fim do espetáculo se atenuava em nossas mentes, em virtude das novas informações que trocávamos a respeito da vida e obra de um glorioso gênio, o qual podíamos celebrar, ainda, em vida, coisa rara nos tempos hodiernos.

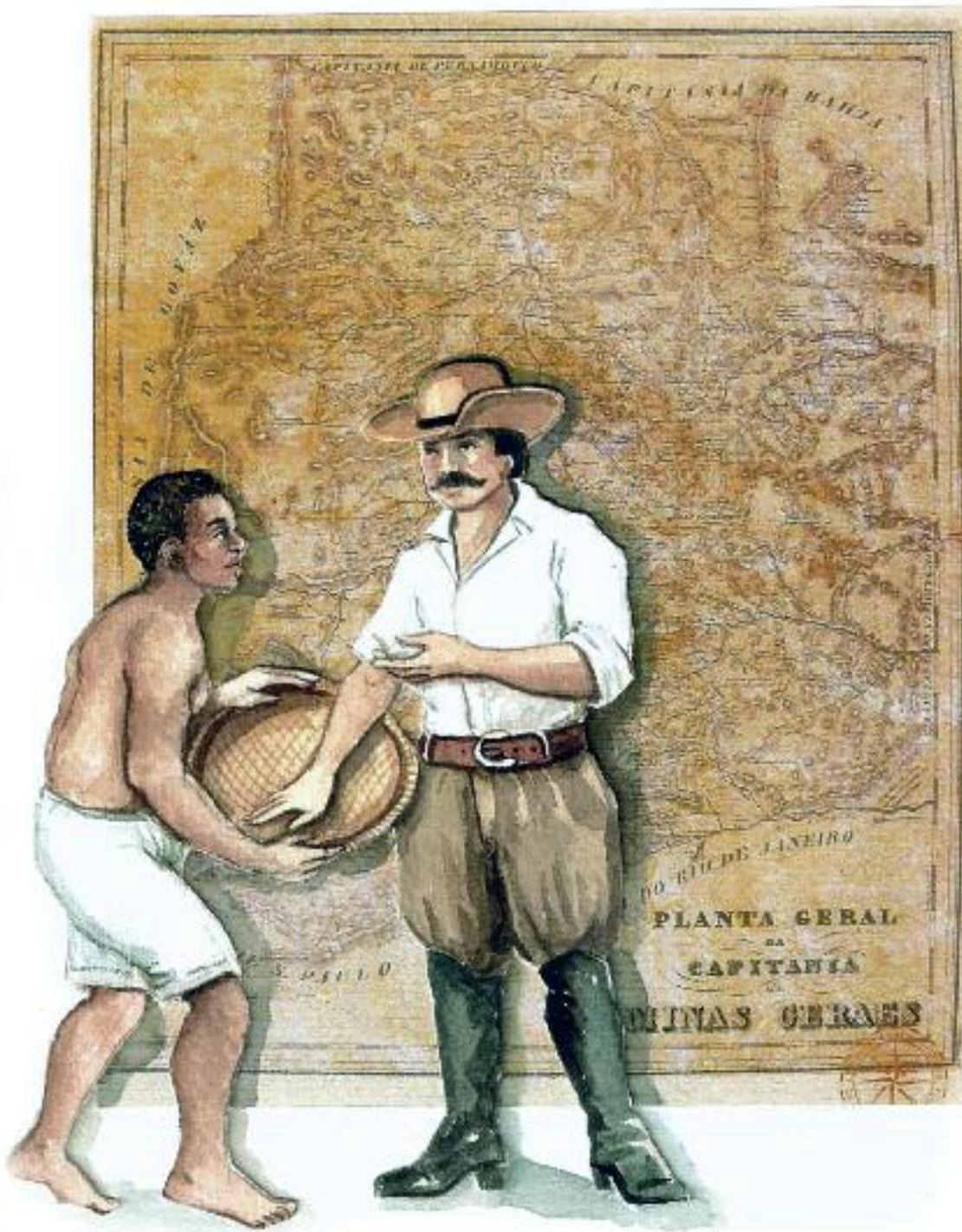
Mas uma coisa eu tenho certeza, como diz o contemporâneo Tom Zé: *“o que faz o artista trabalhar é o incômodo. É como a ostra, que, durante anos, é incomodada por uma pedrinha, e dela faz uma maravilhosa pérola.”*

O incômodo da vida de Nelson Freire, conforme pude ouvir de sua própria boca e que consta de seu documentário, foi e é a solidão. *“Solidão na infância, em virtude do internato de meus irmãos, pois fui um irmão temporão, caçula nascido nove anos depois, e até hoje existe a solidão, mas aprendi a gostar dela”.* A solidão de sua vida profissional adulta, a solidão de seus estudos.

Assim é o nosso espírito: dará a pérola certa no momento certo. A plena harmonia da inspiração Divina com as experiências e descobertas da carne. Sem dúvida, Minas é prodigiosa em valores e discreta em exibi-los.

Referências

- Jornal *Folha de S. Paulo* – edição de 02 de julho 2012, Caderno E1, reportagem de Rodrigo Levino.
- *Nelson Freire* – 2003 – Documentário de João Moreira Salles.



A capitania das montanhas

Prolegômenos da história do Brasil e da capitania de Minas Gerais

Luiz Carlos Biasutti

Desembargador do TJMG, aposentado

“**A** descoberta da América e a passagem para as Índias Orientais pelo Cabo da Boa Esperança foram os dois maiores eventos registrados da humanidade.”

Adam Smith,
pai da moderna economia política.

Sem dúvida alguma, estes acontecimentos foram a marca principal dos tempos modernos.

Em 1492, Cristóvão Colombo realiza sua primeira viagem ao continente americano. Seis anos depois, Vasco da Gama descobre o caminho marítimo para a Índia. Em 1500, Pedro Álvares Cabral aporta no Brasil e toma posse da terra, em nome do rei de Portugal.

Em 1510, Fernão de Magalhães passa pelo litoral do Brasil e atravessa o cabo de Horn, na extremidade sul do continente sul-americano, morrendo em combate numa ilha do Oceano Pacífico. Um de seus comandantes consegue dar a volta completa na terra, regressando à Espanha.

Portugal, com sua escola marítima de Sagres, depois de ter descoberto várias regiões da Índia e do Japão, resolveu também colonizar o Brasil. Nosso território foi dividido então em 14 capitanias hereditárias, entregues a 12 donatários. O rei abria mão de sua soberania, concedendo aos donatários amplos poderes. Os donatários deviam povoar o Brasil às próprias custas. Todavia, somente duas capitanias conseguiram sobreviver: Pernambuco e São Vicente. Foi um fracasso a experiência.

Diante do fracasso geral, D. João III, rei de Portugal, resolveu criar um governo geral, sendo Tomé de Souza seu primeiro Governador Geral. A sede do governo ficou na Bahia cuja capitania foi comprada pelo rei. Dizem fontes fidedignas que com Tomé de Sousa chegaram 600 colonos, 400 presos e os primeiros jesuítas, com o Padre Manoel da Nóbrega como superior.

Depois de quatro anos organizando o governo, Tomé de Sousa voltou para Portugal e o novo e polêmico governador nomeado foi Duarte da Costa. Durante seu governo foi criado o primeiro bispado do Brasil, na Bahia.

O terceiro Governador Geral foi Mem de Sá que expulsou os franceses do Rio de Janeiro. Em 1554, foi fundada a cidade de São Paulo pelos padres jesuítas. Em 1565, fundação do Rio de Janeiro. Martins Soares Moreno conquista o Ceará. Os franceses invadem o Maranhão e três anos depois são expulsos.

Como escreveu o franciscano frei Vicente de Salvador: “Os portugueses ficaram sempre à beira-mar, como caranguejos”. Tudo

era precário, e o Brasil - Colônia apenas exportava pau-brasil e açúcar, graças aos rudimentares engenhos de açúcar. Em 1580, com a morte do jovem D. Sebastião em combate no norte da África, o rei da Espanha Felipe II, como parente mais próximo, anexou Portugal e suas colônias ao domínio espanhol. Foi a época das invasões holandesas, que iriam perdurar no nordeste até a restauração do trono português, com a subida ao trono do Duque de Bragança, em 1640. Só depois da nova restauração do trono português os holandeses foram definitivamente expulsos do Brasil.

A capitania de São Paulo e Minas

Nos últimos anos do século XVII, o ouro havia sido descoberto em Minas. Como bem escreveu Waldemar de Almeida Barbosa (*“História de Minas”,* vol. I, pág.17, Editora Comunicação, 1979): “Descoberto pelos portugueses em 1500, o Brasil começou a ser por eles povoado 30 anos depois. Nessa mesma época, estavam os espanhóis ocupando outras partes da América e logo passaram a encontrar abundantes riquezas minerais”.

Era natural que os portugueses, no Brasil, se empenhassem em achar, também aqui, as riquezas que os espanhóis encontravam em seus domínios, sobretudo no Peru. Daí as sucessivas penetrações pelo território que, mais tarde, se chamou Minas Gerais. A notícia da descoberta do ouro em camadas superficiais e com certa facilidade em depósitos aluvionais se espalhou por toda a parte.

Antonil, pseudônimo do jesuíta João Antônio Andreoni, escreveu: “Cada ano, vêm mais frotas com quantidade de portugueses e de estrangeiros, para passarem às minas. Das cidades, vilas e sertões do Brasil vão brancos, pardos e pretos, e muitos índios de que os paulistas se serviram. A mistura é de toda a condição de pessoas; homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus, seculares e clérigos...” (Apud Márcio Jardim – *“A Sociedade Mineira no Final do Século XVIII – A Inconfidência Mineira”,* pág.23).

Em poucos anos, Antonil estimava que o número de migrantes fosse mais de 30 mil. Em 1770, essa população chegaria a mais de 300 mil pessoas.

Quando Vila Rica passou a ser a capital da Capitania, a partir de 1720, tinha se transformado numa pequena metrópole, cercada de arraiais vizinhos. Sylvio de Vasconcellos afirma em sua obra (*“Obra de Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho”,* São

Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979, 2ª edição, pág. 07) que incluindo as outras vilas e lugarejos mais próximos, entre brancos, mulatos e negros, a população da região de Vila Rica era o dobro da população da Bahia, sede do Vice-Reinado, triplo do Rio de Janeiro e quádruplo da de São Paulo em época correspondente.

Quando as vilas foram fundadas, entre 1713 e 1718, os núcleos iniciais bandeirantes haviam progredido. Comportavam, como exigia a Lei, condições de administração, “oficiais necessários”, assim como de justiça e “homens bons” que servissem como membros das Câmaras e deveriam ser eleitos na forma das Ordenações Filipinas. As lutas entre paulistas e emboabas tinham terminado havia alguns anos e os reinos já podiam conviver em paz com os descendentes próximos dos bandeirantes.

A sociedade mineradora, em breve, seria conhecida só como mineira.

Em Vila Rica, Mariana, Sabará, Caeté, Serro Frio, Tejuco, Santa Bárbara, Congonhas e tantos lugares em que a luta pelo ouro se aplacava, afirmava-se a grande civilização brasileira de 1700. Emboabas, mazombos, mamelucos, índios e negros, paulistas e baianos, fluminenses e até europeus não portugueses, deixaram de ser aventureiros e se integraram na população mineira, formando o amálgama de etnias e culturas que cimentou a gente tão peculiar de terra mineira.

Tudo se organizou com as instituições sociais básicas: a Justiça, o Município e a Igreja. As irmandades religiosas, as ordens terceiras e as festas religiosas formaram na época com as Santas Casas de Misericórdia um assentamento social importante.

E olhando bem o mapa de Minas Gerais veremos que perto das nascentes dos rios, nas bacias hidrográficas do rio São Francisco (Sabará), do Rio das Mortes, afluente do Rio Grande - Paraná (São João del-Rei) do rio Doce (Ouro Preto e Mariana) e do Jequitinhonha (Diamantina, Serro Frio) nasceu o coração de Minas Gerais.

Só nos tempos de D. João VI no Brasil (que elevou as capitanias em províncias) seriam fixados os limites de Minas Gerais já a partir de 1808. E formou-se um povo culto, com alfabetização até nas pequenas povoações. Quantos livros foram apreendidos por ocasião da Inconfidência, o que demonstra a cultura que já existia nas terras mineiras! Todos os Inconfidentes eram letrados e possuíam alguma biblioteca com obras modernas para a época.

“Tudo se organizou
com as instituições
sociais básicas:
a Justiça,
o Município
e a Igreja.”

Para concluir nossa breve visão de Minas Gerais recorro ao grande Alceu Amoroso Lima no livro “Voz de Minas” (pág.219):

“Minas, enfim é a montanha, é o Centro, é o imã que atrai os brasileiros de todas as regiões, não só com aquela concentração geológica que faz das Gerais o mais rico centro telúrico de todo o Brasil, mas ainda com aquele sortilégio afetivo que o clima de Minas, o silêncio de suas cidades, o ritmo tranqüilo de sua vida, a hospitalidade de seu coração e a palpitação humana de suas inteligências derramam em todos os corações.” (grifo nosso)

Salve terra abençoada!

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979.
- COSTA VAL, Andréa Vanessa da; JÚNIOR, Paulo Geraldo Costa. *Notas Históricas*, supervisão: Des. Hélio Costa e prefácio de Ricardo A. M. Fiúza. Belo Horizonte: TJMG, 2008. v.1.
- DANGELO, André G. D. (Org). *Origens Históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006.
- KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil no Contexto Ocidental*. 8ª ed. São Paulo: Atual, 2003.
- JARDIM, Márcio. *A Inconfidência Mineira – Uma Síntese Factual*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército (BIBLIEX), 1989.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MAIA, Tom; MAIA, Thereza Regina de Camargo; FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *São João del-Rei & Tiradentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade: Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968. 968 p.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. 4ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- VILLALTA, Luiz Carlos; RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *História de Minas Gerais – As Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. v. 1 e 2.

“Minas, enfim
é a montanha,
é o Centro,
é o imã que atrai
os brasileiros de
todas as regiões.”

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.



Ciente de seu papel social, a AMAGIS também se preocupa com a preservação do meio ambiente: esta revista foi impressa em papel reciclado (70% pré-consumo, 30% pós-consumo) com certificação florestal, atestando que foi produzido de forma ecologicamente adequada, socialmente justa e economicamente viável, razão pela qual ostentamos, a partir desta edição, o selo verde FSC.



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro

Belo Horizonte . MG

CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3487

magiscultura@amagis.com.br

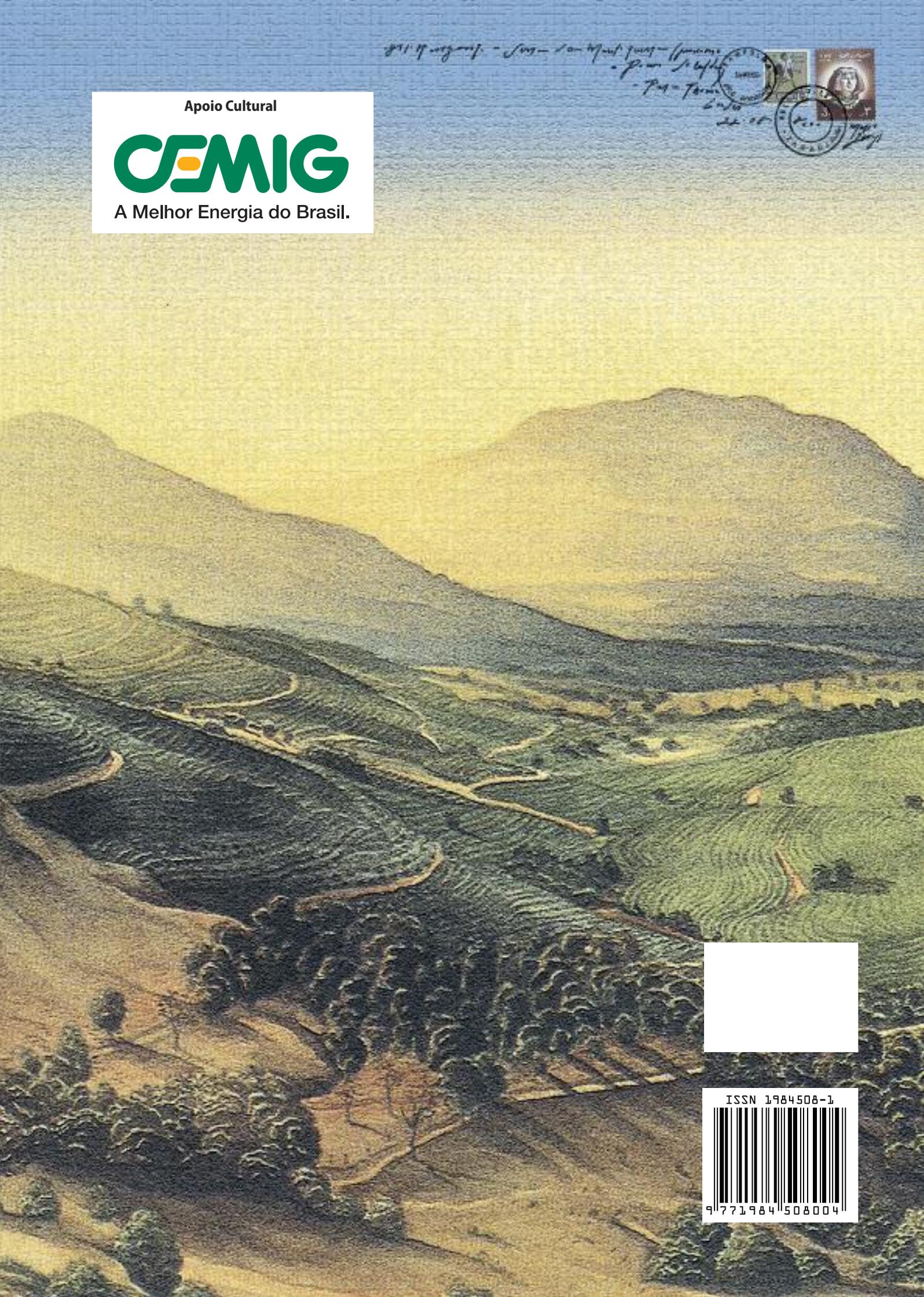
www.amagis.com.br

Handwritten text in Arabic script and several circular postmarks from various locations, including one with a portrait of a man.

Apoio Cultural



A Melhor Energia do Brasil.



ISSN 1984508-1

A standard 1D barcode with vertical black bars of varying widths on a white background.

9 771984 508004